



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – Licenciatura**

“EU QUERO QUE MEU BEBÊ NASÇA BEM E DEPOIS EU VEJO”

Mães Adolescentes e Trajetória Escolar

MOHANA ELLEN BRITO MORAIS CAVALCANTE

**João Pessoa/PB.
Maio de 2019.**

MOHANA ELLEN BRITO MORAIS CAVALCANTE

“EU QUERO QUE MEU BEBÊ NASÇA BEM E DEPOIS EU VEJO”

Mães Adolescentes e Trajetória Escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Ciências Sociais
(Licenciatura) da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito obrigatório para
obtenção do grau de Licenciada no curso de
Ciências Sociais.

Orientador/a: Prof^a Dr^a Geovânia da Silva
Toscano.

**João Pessoa/PB.
Maio de 2019.**

MOHANA ELLEN BRITO MORAIS CAVALCANTE

“EU QUERO QUE MEU BEBÊ NASÇA BEM E DEPOIS EU VEJO”

Mães Adolescentes e Trajetória Escolar

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Sociais (Licenciatura) da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciado no curso de Ciências Sociais

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr.^a Geovânia da Silva Toscano – DCS/UFPB
Orientadora

Prof^º Dr.^º Antonio Giovanni Boaes Gonçalves – DCS/UFPB

Prof^ª Karla Jeniffer Rodrigues de Mendonça (Doutoranda)
Rede Municipal de João Pessoa/ PPGS/UFPB

Conceito Final: _____

**João Pessoa/PB.
Maio de 2019.**

Catálogo na publicação Seção de catalogação e Classificação

C376e Cavalcante, Mohana Ellen Brito Moraes.

“EU QUERO QUE MEU BEBÊ NASÇA BEM E DEPOIS EU VEJO?” Mães

Adolescentes e Trajetória Escolar / Mohana Ellen Brito Moraes Cavalcante. -
João Pessoa, 2019.
60 f.

Orientação: Geovania da Silva Toscano.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Escola, Desigualdade Social, Habitus, Bourdieu. I. Toscano, Geovania da
Silva. II. Título.

UFPB/CCHLA

AGRADECIMENTOS

Acredito que o ato de agradecer é o mais nobre e prazeroso dos atos, acredito que agradecer é, antes de tudo, admitir para si e para o outro, que as conquistas são feitas junto, são resultados de belas parcerias. Assim, primeiramente, quero dizer que serei eternamente feliz por ter tantas pessoas a agradecer e ter tantos motivos por ser grata.

Quero começar agradecendo as minhas mães Maria da Guia de Brito e Maria dos Prasêres de Brito, vocês foram e são minha força motivadora, toda e qualquer conquista minha é para vocês e por vocês.

Agradeço a minha querida irmã Hanna Morais, tem sido uma alegria ter você como irmã, obrigada por todo carinho e apoio. Obrigadíssima por nos presentear com Laura, que já chegou trazendo muitas alegrias para essa titia.

Ao meu companheiro Fernando, por todo estímulo, compreensão e risadas.

A minha amiga e orientadora Geovânia da Silva Toscano, obrigada por ser uma professora maravilhosa, por passar aos seus alunos o real sentido de ser educador. Graças a sua generosidade e parceria tenho sido mais feliz na vida acadêmica.

A minha orientadora de mestrado- e agora de doutorado- Flávia Pires que contribui e incentiva meus projetos, gratidão!

Aos meus queridos amigos de curso, em especial José Adailton Aragão, Geziane Oliveira, Karla, Sueli Gerôncio, Uliana, Weyden, ao Crias, os quais se fizeram presentes no percurso dessa trajetória acadêmica e na vida. Com vocês foi e tem sido mais alegre e feliz essa caminhada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa para o desenvolvimento da pesquisa que deu origem a este trabalho.

Por fim, agradeço a Deus e todos que fizeram parte desta etapa especial da minha vida.

Às mulheres, aos negros, aos índios, aos LGBTQ+!

À todos aqueles que a muito vêm sendo vítimas de um sistema opressor e reprodutor de desigualdades sociais.

Dedico aos meus colegas de profissão, dedico à todos aqueles que defendem e acreditam na importância das Ciências Sociais.

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda”*
(Paulo Freire)

*“Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”*
(Paulo Freire)

RESUMO

Analisa-se neste trabalho questões pertinentes as expectativas e trajetórias escolares por parte de mães adolescentes. Procurei analisar quais os aspectos que corroboram para o interesse/desinteresse, continuidade/pausa na vida escolar de mães adolescentes, identificando suas trajetórias e expectativas formação, investigando como questões de cunho social influenciam nessa tomada de decisão, em especial, os casos que levam ao abandono permanente da escola durante ou após a gestação considerada precoce. Como aporte teórico, tomei como eixos norteadores as discussões de Pierre Bourdieu sobre a desigualdade social, gosto, trajetória, classes sociais, campos, distinção e seus desdobramentos. Tais análises foram realizadas tendo como base recortes de diálogos feitos pela autora com seis mães adolescentes, as quais fizeram parte de sua pesquisa de dissertação (CAVALCANTE, 2018). As mães tem idades de dezesseis a dezoito anos, estão fora da escola, moram com os pais e vivenciam a primeira gravidez. Como resultado da análise, constatei que a gravidez não representa o único motivo pelo qual mães saem da escola, há fatores socioculturais que interferem de forma direta nessa não permanência. Concluo que, para essas mães, a escola muitas vezes se apresenta como um espaço destinado a pessoas “livres” que “não tem impedimentos” para estudar e, ter um filho(a), desclassifica-as do perfil de aluno promissor, intimidando o retorno dela ao espaço escolar, essas mães adolescentes têm expectativas de futuro por meio do trabalho informal, formação técnica e, em menor escala, desejo de fazer um curso superior, mas não se veem habilitadas para tal. Por fim, foi possível observar a importância da família nesse processo de retorno/não retorno, que advém dessa instituição a principal influência e rede de apoio para que a adolescente mãe possa vivenciar experiências características da juventude/adolescência.

Palavra-Chave: Escola, Desigualdade Social, Habitus, Bourdieu

ABSTRACT

This article analyzes the pertinent questions regarding the expectations and school trajectories of adolescent mothers. I sought to analyze which aspects corroborate the interest / disinterest, continuity / pause in the school life of adolescent mothers, identifying their trajectories and expectations formation, investigating how social issues influence in this decision making, especially the cases that lead to the permanent abandonment of the school during or after the pregnancy considered to be precocious. As a theoretical contribution, I took Pierre Bourdieu's discussions on social inequality, taste, trajectory, social classes, fields, distinction and their unfolding as the guiding axes. These analyzes were carried out based on cuttings of dialogues made by the author with six adolescent mothers, which were part of her dissertation research (CAVALCANTE, 2018). Mothers are between sixteen and eighteen years of age, out of school, living with their parents, and experiencing the first pregnancy. As a result of the analysis, I found that pregnancy is not the only reason why mothers leave school, there are sociocultural factors that directly interfere in this non-permanence. I conclude that for these mothers the school often presents itself as a space for "free" people who "have no impediments" to study and, having a child, disqualifies them from the promising student profile, intimidating the return to school space, these adolescent mothers have expectations for the future through informal work, technical training and, to a lesser extent, a desire to take a higher education course, but are not qualified to do so. Finally, it was possible to observe the importance of the family in this process of return / non-return, which comes from this institution the main influence and support network so that the adolescent mother can experience experiences typical of youth / adolescence.

Key words: School, Social inequality, Habitus, Bourdieu

LISTA DE ABREVIACÕES DE SIGLAS

CPC – Centro Popular de Cultura

CRUTAC – Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária

CRUB – Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras

CONSEPE – Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão

CODAE – Coordenação de Atividades de Extensão

GRAVAD – Gravidez na adolescência. Gênero e Sexualidade: Estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil

IBGE – Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística

IES – Instituição de Ensino Superior

LDB – Leis de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério de Educação e Cultura

MINTER – Comissão Interministerial

REUNI – Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNE – Programa Nacional de Educação

PRAC – Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias

PROBEX – Programa Institucional de Bolsas de Extensão da UFPB

PROEXT – Programa de Extensão Universitária

PAMIN – Patrimônio Memória e Interatividade

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

USP – Universidade de São Paulo

UNE – União Nacional de Estudante

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A GRAVIDEZ ADOLESCENTE E SUAS DIMENSÕES CONCEITUAIS	20
1.1 ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E GÊNERO.....	20
1.2 JUVENTUDE, GRAVIDEZ E ESCOLA.....	25
2 A TRAJETÓRIAS DE MÃES ADOLESCENTES E DESIGUALDADES EDUCACIONAIS: UM DIÁLOGO COM PIERRE BOURDIEU	31
2.1 INSTITUIÇÃO ESCOLAR E HABITUS DE CLASSE.....	35
3 “AR MARIA, DÁ PRA MIM NÃO”: NARRATIVAS DA EXPERIÊNCIA/ TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE MÃES ADOLESCENTES.....	41
3.1 “DÁ PRA MIM NÃO, SAI NA 5ª SERIE”	42
3.2 “ MINHA MÃE JÁ FALOU QUE EU NÃO POSSO DEIXAR DE ESTUDAR”	49
3.3 “ QUEM SABE EU TRABALHANDO- CONSEGUE ESTUDAR-, COM ELE MAIOR EU CONSIGO”	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

No Brasil até o início do século XX, era comum haver casamentos ainda no período do final da infância/começo da adolescência, o que acarretava em gravidezes que, apesar de serem nesta fase, não eram consideradas precoces, posto que estavam dentro de um contexto matrimonial da época. O advento da modernidade modificou, ano após ano, essa tendência de gravidez na infância/adolescência como sendo algo socialmente aceito.

Contudo, o fato da gravidez na adolescência já ter sido aceita socialmente e até considerada comum, não eliminava o fato de ser um risco para a mãe, sobretudo, considerando que poucos adolescentes têm condições fisiológicas, psicológicas e financeiras para gerar/cuidar de uma criança. Muitas dessas mães adolescentes encontram-se na incapacidade psicológica de lidar com a nova realidade e sem recursos financeiros para conduzir a gravidez de forma satisfatória. Logo, a gravidez na fase da adolescência também pode ser vista como problema para o desenvolvimento social e intelectual dessa mãe adolescente, encarada como indesejável, trazendo consequências psicológicas, biológicas e sociais negativas, torna-se um problema de saúde pública.

Quando a menina adolescente torna-se grávida, ela é arremessada a um novo papel, sem o benefício dos ritos de passagem usuais ou preparação antecipatório (SANTOS, 2000). Logo, pular alguma das etapas que fazem parte da adolescência pode atrapalhar o pleno desenvolvimento dessa jovem, inclusive no ambiente escolar.

A instituição escolar é um espaço repleto de diversidade, há uma variedade étnica, social, econômica e cultural; questões que por si só requerem uma adaptação do currículo/estrutura escolar, que nem sempre acontece. Na fase da adolescência e juventude, com a construção da individualidade, as diferenças se acentuam, essa fase envolve um processo de mudança físico e psicológico considerado primordial para a formação do adulto.

Ser adolescente, vivenciar uma gravidez e frequentar um espaço escolar, além disso, convivendo com outros adolescentes que não vivenciam uma gestação considerada precoce, potencializa os desafios a serem enfrentados pelas jovens mães adolescentes. Esses fatores acabam por contribuir para a interrupção/pausa da trajetória escolar por parte de adolescentes grávidas e mães, como nos mostra os dados de pesquisa realizada pelo

Instituto Unibanco¹, com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo a pesquisa, 1,3 milhão de jovens entre 15 e 17 anos deixaram a escola sem concluir os estudos, o estudo ainda aponta que desse total, 610 mil são mulheres. Além disso, entre essas meninas que deixaram a escola, 35% já eram mães nessa faixa etária e apenas 2% das mães adolescentes deram sequência aos estudos.

Meu interesse acerca do tema se deu a partir das pesquisas realizadas para a construção do meu trabalho de dissertação intitulado: Mãe – Bebê – Avó: Dilemas geracionais da maternidade na infância (CAVALCANTE, 2018). Nesse período me aproximei de muitas crianças e adolescentes que ao vivenciarem a experiência da gravidez considerada precoce, se afastaram do espaço escolar. A minha pesquisa me mostrou que das dezesseis meninas que acompanhei, nenhuma estava frequentando a escola, e que algumas, saíram antes mesmo de descobrir a gestação precoce. Essas meninas são moradoras de quatro estados brasileiros, Paraíba; São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro, pobres, moradoras de bairros periféricos e que fazem parte de famílias numerosas.

Na dissertação, foi realizada uma análise da relação entre mães-bebês e avós, com o objetivo de entender a relação das mães com seus bebês e a maternidade, bem como as relações parentais entre mães adolescentes e suas mães numa perspectiva de geração. Como resultados dessa pesquisa, identifiquei que essas adolescentes veem a gravidez como sendo o elemento que marca a transição da infância para a vida adulta, identifiquei também o papel crucial das avós no cuidado com as filhas adolescentes no período de gravidez considerada precoce e a importância da rede de apoio para essa mãe. É a rede de apoio familiar que torna possível a vivência positiva da maternidade e possibilita o retorno da jovem a rotinas/práticas comuns a fase adolescente, como atividades de lazer e escolares.

Durante as entrevistas realizadas com as adolescentes grávidas por ocasião da pesquisa de mestrado (CAVALCANTE, 2018), a relação delas com a escola esteve sempre presente. E é esse contato, por vezes conflituoso entre elas e a escola, que pretendo analisar neste trabalho de conclusão de curso de licenciatura nas ciências sociais. Considerando a opinião e o relato delas sobre a experiência com a instituição escolar.

A relação entre gravidez na adolescência e interrupção da trajetória escolar é uma temática explorada por vários autores na literatura, por exemplo em Heilborn (2002), que analisa como a gravidez precoce pode causar problemas em várias instâncias da vida dessa

¹ Link da matéria <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-02/13-milhao-de-jovens-entre-15-e-17-anos-abandonam-escola-diz-estudo>. Acesso em 26 de março de 2019.

mãe adolescente, o que me fez perguntar sobre como as adolescentes viam essa tendência de interrupção da trajetória. Pergunto-me então sobre as adolescentes que estão fora da escola, dado os altos índices de evasão. Quem são as meninas mães? Quais os motivos corroboraram para o planejamento do retorno/ou não ao espaço escolar? Quais motivos estão relacionados a esse distanciamento escolar? Quais são seus objetivos frente à formação escolar? Quais são suas trajetórias?

Isto posto, sem pretender responder todas as questões mencionadas, meu interesse versa sobre as jovens mães adolescentes grávidas, a construção de suas trajetórias e expectativas escolares. Procurarei analisar quais os aspectos que corroboram para o interesse/desinteresse, continuidade/pausa na vida escolar identificando suas trajetórias e expectativas de formação das mães adolescentes.

Como procedimentos metodológicos, fiz um levantamento bibliográfico a cerca do tema e análise de falas das adolescentes mães. Como material de pesquisa, utilizarei os dados coletados em pesquisa realizada a nível de mestrado (CAVALCANTE, 2018). Neste trabalho fiz uso da metodologia netnografica e etnográfica, posto que foi essa a forma de coleta utilizada na dissertação, acompanhei dezesseis (16) meninas de 14 a 18 anos ao longo de pouco mais de um ano, entre os anos de 2016 e 2017. Contudo, foi feito um recorte, dentro dos registros de conversas, sobre os relatos das mães e a escola, abrangendo relatos de 06 adolescentes mães que retratam suas experiências escolar, expectativas, frustrações e planos de formação educacional e profissional das mesmas.

Um dos problemas presente na realidade de mães adolescentes é a dificuldade de conciliar os cuidados com o bebê e a vida escolar, levando muitas a saírem da escola. Todas as meninas que participaram dessa pesquisa apontaram que conciliar a recém gravidez às demais etapas da vida social, pareceu ser a maior dificuldade vividas por elas, posto que também tinham responsabilidades domésticas e preocupação financeira (CAVALCANTE, 2018).

De acordo com a LDB/1996 em seu artigo 10º inciso VI o Estado está incumbido de “assegurar o ensino fundamental e oferecer, com prioridade, o ensino médio”. Contudo, apesar do Estado ter de assegurar a vaga escolar e frequentar a escola ser um direito comum a qualquer adolescente, na prática, essa atividade que deveria ser corriqueira na vida de muitos jovens, não é uma realidade para todos. No caso de ocorrência da gestação precoce, essas mães enfrentam dificuldades sociais, econômicas e familiares, as quais acabam por dificultar a permanência na escola (CAVALCANTE, 2018).

Existe no Brasil, uma lei que tem por objetivo corroborar para a manutenção da vida escolar durante a gravidez. Trata-se da Lei 6.202 de 17 de abril de 1975, que assegura o direito da estudante gestante de continuar a estudar em casa, a partir do oitavo mês de gestação e até os três meses posteriores ao parto. Tal prazo poderá ser ampliado, caso tenha indicação médica, a estudante passa a receber em casa os conteúdos escolares e é assim avaliada através de trabalhos feitos em casa. Segundo a letra da Lei,

Art. 1º A partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969.

Parágrafo único. O início e o fim do período em que é permitido o afastamento serão determinados por atestado médico a ser apresentado à direção da escola.

Art. 2º Em casos excepcionais devidamente comprovados mediante atestado médico, poderá ser aumentado o período de repouso, antes e depois do parto.

Parágrafo único. Em qualquer caso, é assegurado às estudantes em estado de gravidez o direito à prestação dos exames finais.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. (BRASIL, 1975).

Contudo, apesar da garantia por lei, as mães adolescentes nem sempre continuam a estudar no espaço doméstico. Há de se considerar que o problema não se resume ao acesso a conteúdos disciplinares, posto que a partir da gestação a menina passa a assumir, muitas vezes, outras tarefas como, o cuidar da casa, cuidar do bebê e, até, trabalhar. Tais condições quando somados aos fatores dos estudos podem sobrecarregar as adolescentes impedindo-as, muitas vezes, de prosseguirem em seus estudos no âmbito escolar.

Já a Constituição de 1988 mantém o texto de lei de 1975, fazendo apenas uma modificação pontual com relação à prática da Educação física, na Lei nº 7.692 de 20 de dezembro de 1988, tornando a prática facultativa a alunas com prole.

Assim, para compreender a relação entre adolescente grávida e continuidade da vida escolar, meu estudo remete a relação entre educação e desigualdade social, algo no Brasil historicamente comprovado pelo seu sistema educacional dual, em que a escolarização média do brasileiro ainda é muito baixa. Para a construção da base teórica sobre tal temática me apropriei dos estudos de Pierre Bourdieu (1996, 2007), para entender como ocorre a reprodução social no espaço escolar.

Segundo uma pesquisa² sobre evasão escolar feita em parceria com o Ministério da Educação, a Organização dos Estados Ibero Americanos (OEI) e a Faculdade Latino-Americana de Ciências (Flacso, 2015) a gravidez é um dos principais motivos que tiram as adolescentes da escola. O estudo perguntou aos jovens de 15 a 29 anos por que pararam de estudar e o que havia motivado tal decisão. Entre as meninas, 18,1% indicaram a gravidez como o principal motivo, já entre os meninos da mesma faixa etária, somente 1,3% declararam que interromperam os estudos pela mesma razão.

Nas entrevistas realizadas para a elaboração da dissertação, identifiquei muitas declarações sobre o desejo de voltar à escola. Em contraponto, constatei uma incidência alta de evasão escolar, as razões para isto advêm de vários motivos, para além das questões relacionadas à maternidade. Dentro desse grupo e a partir de vivências - num período de 18 meses - com várias gestantes adolescentes de diferentes estados brasileiros: Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo e Paraíba, pude observar também, que há um número considerável de meninas que conseguem retomar os estudos voltando para escola após a gestação.

Sendo assim, o estudo presente foi focado nas falas/opiniões das meninas e da relação delas com a escola, a fim de investigar não apenas os motivos da interrupção da trajetória escolar, mas os motivos que envolvem esse distanciamento das meninas³ do espaço escolar. Busquei trabalhar a questão da gravidez não apenas como um fator isolado, como o único motivo para a mãe adolescente interromper a formação educacional. Procurei, contudo, analisar esse afastamento correlacionado a trajetória social dessas meninas, posto que acredito que a vivência da gravidez possa variar de acordo com as experiências de vida, redes de apoio, contexto social e afetivo que a adolescente tenha. Por se tratar de um grupo que, em sua totalidade, é representado por meninas pobres, e, portanto, vítimas das desigualdades sociais, trabalhei com autores que investigaram o tema da educação unido aos aspectos das desigualdades sociais, como Pierre Bourdieu.

Compreendo que pensar em gravidez na adolescência significa também levar em conta a maneira como a menina gestante enfrenta a ideia de permanecer na escola e dar conta dos estudos ou como essas adolescentes não se veem mais no papel de estudante.

A passagem da adolescência e a vivência de uma gravidez representam um momento importante na vida de muitas mulheres, além da mudança trazida por um novo

² ABRAMOVAY, Miriam. Coord. Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam? / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro, Júlio Jacobo Waiselfisz. Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

³ Ao me referir aos sujeitos dessa pesquisa com o termo “meninas”, não pretendo influenciar o leitor a construir uma ideia de fragilidade, inocência ou qualquer outra coisa que o termo possa sugerir. Estou apenas reproduzindo a forma como elas se tratavam.

integrante familiar e a responsabilidade de uma gravidez. Segundo Dadoorian (2003, n.p) posso considerar dois determinantes da gravidez em adolescentes: os fatores biológicos e os fatores não-biológicos, nos quais se inserem os aspectos culturais e os psicológicos. No gestar, a mulher enfrenta naturalmente desafios biológicos, buscando entender o próprio corpo. Quando o gestar vem antes da transição da adolescência para a vida adulta os desafios psicológicos e sociais se agravam.

Diante dos consideráveis números de adolescentes grávidas que não dão continuidade a formação escolar depois do nascimento do filho e aquelas que a deixaram ainda durante a gravidez, reafirmo a relevância e necessidade de se problematizar esta temática. Desta forma, minha pergunta de partida versa sobre a necessidade de questionar os fatores que corroboram para essa tendência de interromper/pausar a vida escolar, tendo sido a força motriz que me levou a investigar esse tema.

No decorrer das leituras exploratórias sobre o tema proposto, foi possível manter contato com estudos relacionados à psicologia, políticas públicas e de saúde preventiva, por exemplo, com o objetivo de entender a discussão de gravidez na adolescência em várias áreas do conhecimento. No entanto, como contribuições sociológicas, procurei analisar a maternidade precoce do ponto de vista escolar, observando o retorno/não retorno escolar das mães adolescentes.

Entre o referencial teórico que utilizarei para construir essa discussão sobre trajetória escolar e gravidez na adolescência, além dos dados coletados, trarei trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Pesquisa GRAVAD – Gravidez na Adolescência. Gênero e Sexualidade: Estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil (1999-2006), trabalhando também com autores como HEILBORN (2002), ALMEIDA (2008), ROCHA (2009), MEAD (1979), SANTOS (2008) , LOPES(1993), BOZON (2002) e KNAUTH (2002).

Na elaboração deste trabalho, foi feito um recorte e apropriação das falas coletadas para a elaboração da minha dissertação (CAVALCANTE, 2018), onde optei por netnografia e observação participante, a combinação destas duas técnicas de pesquisa qualitativa convém também neste trabalho por dois motivos principais: a noção de processo de coleta de dados de forma empírica, em ambas, e as possibilidades de visibilizar os sujeitos estudados. Considerando os fenômenos sociais ligados ao tema, enquanto experiência e práxis, através da observação participante, recurso metodológico amplamente utilizado nas Ciências Sociais.

Utilizando a metodologia e os dados coletados no trabalho anterior Cavalcante (2018), a narrativa elaborada neste trabalho ocorreu, prioritariamente, através de fontes orais, tendo como base os depoimentos e entrevistas realizadas com as mães adolescentes, acompanhando, assim, como elas relatam o retorno escolar ou o desejo de dedicar-se exclusivamente a criação dos/do filho(a).

Desta forma, planejou-se através do recorte de falas compreender as mães enquanto sujeitos neste processo. Com esse objetivo adota-se, tanto na pesquisa primária quanto nesta, o método qualitativo para a proposta de refletir, a partir de suas narrativas e na observação de suas práticas, como compreendem suas posições dentro do coletivo dado, do contexto histórico, geográfico e sociocultural encontrado por essas mães adolescentes.

Procurando destacar métodos que considerem as adolescentes como sujeitos ativos desta pesquisa, destaca-se a pesquisa etnográfica que foi feita em 2018 e utilizada para a elaboração deste trabalho. Willian Corsaro (2011, p.63) também explica que

O valor da observação prolongada está em o etnógrafo descobrir como é a vida cotidiana para os membros do grupo - suas configurações físicas e institucionais, suas rotinas diárias, suas crenças e seus valores e a linguística e outros sistemas semióticos que medeiam essas atividades e contextos.

Assim, os instrumentos metodológicos que foram fundamentais para esta entrada e aceitação no campo e, principalmente, das mães adolescentes como colaboradoras na construção de conhecimento, foram voltadas a técnicas participativas como a observação participante em redes sociais. Escolhi esse método por achar que, juntamente com as entrevistas, permite um entendimento mais completo dessas mães dentro do espaço escolar. Portanto, a consecução do projeto de pesquisa baseia-se primordialmente em dados observáveis, objetivando-se galgar metodologicamente por preceitos que “exploram particularmente as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que estas exploram a análise de conteúdo e a análise histórica.” (RICHARDSON, 1985, p. 29). A escuta e o diálogo a partir de suas narrativas, a observação de suas ações e o possível engajamento a meu convite de relembrarmos a vivência que tinham na escola antes de se tornarem mães.

A pesquisa de campo que deu origem aos dados aqui apresentados ocorreu de forma fracionada, tempo que foi destinado a conversar com as mães adolescentes. Corsaro (2011, p.65) aponta que “para garantir que as interpretações etnográficas sejam

culturalmente válidas, elas devem estar fundamentadas no acúmulo das experiências da vida cotidiana”.

Trabalhei entre os anos de 2016 e 2018 com adolescentes e adultos, logo, pensando nas relações inter e intrageracionais, foram desenvolvidas conversas informais individuais, em grupos e em pares, utilizando-se de espaços virtuais e presenciais, de acordo com o contexto e se os sujeitos envolvidos mostrassem-se à vontade. Na ocasião das entrevistas o tema escola aparecia com frequência e em duas formas distintas: 1) quando eu questionava sobre a frequência ou não delas na escola, não direcionando diretamente ao tema da escolaridade; b) outra posterior, ao decorrer da pesquisa, onde conversamos sobre as dificuldades trazidas pela gravidez e elas falavam sobre a evasão escolar como uma das principais consequências da gestação durante a adolescência. E foi essa constância de diálogos sobre a trajetória escolar que me despertou a ideia de utilizar o material já coletado para investigação e elaboração deste estudo.

Por fim, a partir das falas coletadas anteriormente, com o intuito de formular a base analítica dessa pesquisa, foi realizado um recorte das falas das mães adolescentes, reunindo trechos sobre a escola, educação e expectativa de formação profissional. A última parte da pesquisa foi dedicada à análise do material obtido durante as conversas, a partir da transcrição e categorização dos dados, da construção de quadros analíticos e, por fim, busca e análise dos dados baseados em materiais teóricos pertinentes as observações levantadas.

No primeiro capítulo, procurei construir uma reflexão teórica sobre questões que envolvem a gravidez na fase da adolescência, tendo como lócus as questões socioculturais e socioeconômicas. Sendo assim, trouxe autores que discutem questões como concepção de juventude, geração, sexualidade e gravidez precoce, entre eles Heilborn (2002), Rocha (2009), Mannheim (1993), Mead (1979), Boourdieu (1983), Almeida (2008), Sposito et al (2006), e outros.

No segundo capítulo, busquei apresentar e contextualizar a situação/relação de Mães adolescentes e a escola: Refletindo sobre desigualdades e diferenças no espaço escolar. Para tanto, escolhi como caminho de análise a tríade entre; Mães adolescentes, escola e habitus de classe, a partir da fundamentação teórica de Bourdieu (1989, 2002, 2007, 2009).

O capítulo terceiro traz o que dizem os sujeitos da pesquisa, explorei trechos de nossas conversas, as quais fundamentam este trabalho. Neste capítulo apresento os resultados e discussões do trabalho de campo, tratei temas como família, escola,

relacionamento e cuidado/trato com os filhos, expectativas. Por fim, trago minhas considerações finais, pontuando questões que considero válidas para reflexão e análises futuras.

A partir desse estudo, pretendo contribuir para a discussão teórica a cerca das expectativas, trajetórias e vivências da gravidez/maternidade na fase da adolescência. Pretendo responder minimamente, se/e como, é construída a relação dessas meninas com a escola e formação educacional após a gravidez/maternidade. Deposito aqui os meus anseios de ter contribuído para que futuros pesquisadores olhem para o fenômeno da gravidez precoce, e a relação dela com a escola, como uma soma de fatores diversos, e que a dificuldade dessas mães frente a educação não se resume apenas ao fato de terem sido mães adolescentes.

1. A GRAVIDEZ ADOLESCENTE E SUAS DIMENSÕES CONCEITUAIS

*“A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver”.*
(Assim eu vejo a vida, Cora Corolina)

O objetivo desse capítulo é pontuar teoricamente questões que estão correlacionadas à vivência da fase da juventude e da escolaridade, para tal análise as categorias que aparecerem durante o estudo realizado no mestrado. As categorias foram: adolescência, sexualidade, gênero, em seguida; juventude, gravidez e escola. Analisei como fatores externos, ligados a gravidez considerada precoce, que influenciam essas mães. Como respaldo teórico trago as discussões de autores como: Santos (2000), Saffiote (1994), Mead (1979), Garcia (2001) e Cano & Ferriani (2000), Heilborn (2002), Rocha (2009), Mannheim (1993), Bourdieu (1983), Sposito et al (2006).

1.1 ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E GÊNERO

Segundo Godinho et al (2000) a adolescência é o período onde ocorrem transformações tanto físicas como fisiológicas, ou seja, é a fase que compete ao crescimento acelerado.

É na fase da adolescência que ocorre a ruptura da infância para a vida adulta, momento que marca mudanças drásticas na vida do homem e da mulher. Essa fase da adolescência marca a transição da infância para a vida adulta, que se estende por mais ou menos 7 anos, dos 12 anos aos 18 anos, sendo assim, um longo período de mudanças psicológicas e físicas. Portanto, marca o período de construção social do indivíduo, que passa a vivenciar novas experiências em sociedade e consigo mesmo.

Neste trabalho quando escolhemos utilizar as denominações adolescentes e crianças, assim como fizemos na pesquisa que deu origem a esse estudo, estou me referindo a definição apresentada pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) com a Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, a qual considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a/o adolescente com a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º).

Das Disposições Preliminares (...) Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. (BRASIL, 1990)

A adolescência se apresenta como uma das fases de vital importância na vida humana, por ser um período de grandes transformações biopsicossociais, as quais envolvem as mudanças do corpo e nos fenômenos da sexualidade. De acordo com Cano e Ferriani (2000) no Brasil, a idade média para iniciação da vida sexual é de 16,9 anos para meninas e 15 anos para os meninos, ou seja, é relativamente cedo. De acordo com as autoras, essa iniciação precoce não vem acompanhada de cuidados com a anticoncepção, acarretando preocupação entre a família, profissionais de saúde e professores. Sposito (2000) aponta para o aumento de trabalhos que envolvem a discussão sobre sexualidade e gênero entre jovens motivados para alertar à escola em relação ao risco da AIDS, à exposição a doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez precoce de adolescentes.

De acordo com um relatório divulgado pela ONU⁴ (2016), no Brasil, em torno de 79% das mulheres usaram algum tipo de contraceptivo para a prevenção da gravidez. Ainda de acordo com o relatório, os países menos desenvolvidos estão no topo quando falo da não prevenção da gravidez. Em contrapartida, uma pesquisa⁵ realizada pelo Programa Estadual de Saúde do Adolescente de São Paulo aponta que apenas 40% dos adolescentes paulistanos, utilizam cotidianamente os métodos contraceptivos, como preservativos e anticoncepcional. A pesquisa de 2016 envolveu 454 mães adolescentes, seus bebês e, inclusive, os respectivos pais.

Segundo Abramovay et al (2004), a sexualidade trata-se de um conceito em disputa, historicamente construído, e que sua definição vai depender de quem a descreve, do autor, do informante, do contexto social, da área do conhecimento que aborda o tema e etc. Para

⁴<http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/family/Infocart-World-Contraceptive-Patterns-2015.pdf> Acesso em 25 de março de 2019.

⁵ <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/alerta-6-em-cada-10-jovens-nao-usam-metodos-de-contracepcao/> Acesso em 26 de março de 2019.

Abramovay et al (2004, p. 29) “a sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve, gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução”.

Margareth Mead (1979), ao pesquisar sexualidade e cultura em Samoa⁶, pretendia investigar essa questão da sexualidade entre os adolescentes, acreditando que assim poderia entender os limites e as problemáticas dessa fase da vida. A sexualidade está muito presente na pesquisa de Mead, para a autora “a adolescência não representava um período de crise e estresse, mas era, ao contrário, uma época de desenvolvimento ordenado de um conjunto de interesses e atividades cada vez mais maduros” (MEAD, 1979, p. 87). A adolescência era um período de descobertas: sobre as preferências, sobre o próprio corpo, sobre os anseios de trabalho e, inclusive, as descobertas sexuais. Segundo Abramovay et al (2004, p. 33), “a juventude é momento em que a experimentação da sexualidade vai possibilitar uma estruturação de sua identidade”.

Para Gonçalves e Knauth (2006) ao falar sobre juventude, sexualidade e gravidez, nos referimos a concepção social que a família tem sobre essa fase da vida e a descoberta do corpo e da sexualidade, a gravidez/barriga da gravidez seria o elemento que mostra a entrada dessa jovem na vida adulta.

[...] as concepções de *juventude* e a forma de *aproveitar* a vida, percebe-se muito sobre o modo como alguns familiares se colocam diante dos valores modernos atuais, também em relação à gravidez de uma filha jovem, cuja sexualidade foi publicada socialmente *pela barriga*. (GONÇALVES; KNAUTH, 2006, n.p)

As autoras apontam para os diversos trabalhos existentes que abordam a sexualidade juvenil, estes debruçam-se sobre o modo de viver a juventude e o ser jovem. O fato é que essas são concepções históricas e socioculturais, para as autoras, essa liberdade/aproveitar “característico” da fase da adolescência é algo idealizado. Para as autoras o exemplo da gravidez na adolescência/juventude é bom para pensarmos os modelos juvenis de vida, valorizados na modernidade, e as definições presentes de saúde e futuro.

O advento da contemporaneidade traz um aumento considerável nas pesquisas sobre práticas sexuais entre adolescentes. Há estudos que apontam as tendências desses grupos com relação à iniciação sexual, como, por exemplo, a idade média de iniciação, o

⁶ Seu nome oficialmente é Estado Independente de Samoa, é um Estado soberano da Polinésia na Oceania, constituído pelas duas ilhas ocidentais das Ilhas Samoa: Savai'i e Upolu..Sua capital é Apia, está localizada no oceano Pacífico e falasse inglês e samoano. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Samoa> acesso em 25 de março de 2019.

uso ou não de contraceptivos, e, principalmente, taxas com relação a gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis, a exemplo de Heilborn et al (1997; 1998; 2002) que faz uma série de estudos através do GRAVAD abordando a gravidez na adolescência e suas consequências para os pais e mães adolescentes, desde dificuldades de sociabilidade até educacionais. Para Heilborn et al (2006), a sexualidade se apresenta na juventude como uma das esferas de aquisição de autonomia individual em relação à família de origem. Segundo essas autoras é fundamental investigar a sexualidade juvenil, posto que essa iniciação marca uma fase importante na formação desse sujeito e na sua trajetória juvenil.

Abordar juventude, sexualidade e reprodução sob uma ótica pluridisciplinar amplia a compreensão dos processos de aprendizado da sexualidade, das formas de interação afetivas e sexuais entre os parceiros, das prescrições dos papéis de gênero e, por fim, do desenrolar das trajetórias juvenis, em face dos eventos relativos à saúde, reprodução, sexualidade e exposição às doenças sexualmente transmissíveis. (HEILBORN et al, 2006 n.p)

Cano & Ferriani (2000), apontam um aumento da prática sexual entre os adolescentes, cada vez mais cedo. Para essas autoras, essa intensificação das práticas sexuais na adolescência gera uma “banalização da sexualidade que tem dificultado a tarefa de educar, de associar sexo a afeto, responsabilidade e promoção da saúde” (CANO & FERRIANI, 2000, p. 22), e esse aumento das práticas é motivo de alerta para a saúde pública. As autoras propõem uma discussão e debate que envolvam os pais, os educadores e os profissionais de saúde, com o objetivo de orientar os adolescentes sobre a iniciação sexual com segurança, posto que, a sexualidade é um dos importantes aspectos da adolescência e realidade na vida de muitos adolescentes brasileiros.

Ao fazer um estudo sobre a sexualidade na adolescência, em nível de Brasil e mundo, Cano e Ferrinani (2000) colocam em cheque como a discussão de gênero está intimamente relacionada à temática de sexualidade. A exemplo da construção social do casamento onde, desde sua institucionalização, reservou à mulher o papel de casar-se virgem, respeitar a monogamia e o sexo como meio unicamente reprodutivo. Ao mesmo tempo em que era reservada ao homem uma liberdade maior frente ao exercício de sua sexualidade. De acordo com Abramovay et al (2004) há muitas diferenças entre o que é aceito para homens e mulheres, por exemplo, “a virgindade ainda é um marco na diferenciação dos gêneros na cultura brasileira. Ela vem sendo re-significada frente a novos discursos, mas permanece uma referência que norteia comportamentos e delimita atitudes.” (ABRAMOVAY et al, 2004, p. 73).

Segundo Cano & Ferriani (2000) a sexualidade desde sua concepção apresenta uma diferenciação entre homens e mulheres, a qual atribui comportamentos diferentes para cada um, frente à vivência da sexualidade.

A sexualidade foi fortemente influenciada pelas idéias cristãs, culturais, políticas e econômicas, nas quais a iniciação sexual da mulher deveria se dar no casamento e ter fins procriativos, enquanto ao homem eram permitidas a prática sexual e a busca do prazer fora dos limites do matrimônio. (CANO & FERRIANI, 2000, p. 19)

De acordo com Garcia (2001) as diferenças quanto à perspectiva de mulheres e homens adolescentes em relação à gravidez remete ao conceito de relações sociais de gênero. Posto que, a vivência da maternidade e da paternidade permeia esferas distintas, pois a mulher quando mãe assume responsabilidade de cuidado e zelo diferentes do que é atribuído ao pai, o qual – quase sempre ou quando o faz – se encarrega das responsabilidades econômicas com relação à criança. Essa demanda de cuidado e zelo com a criança recém nascida demanda tempo e atenção da mãe e, por consequência, prejudica o seu desempenho escolar. Diferenças nas demandas geradas pelo recém nascido que podem ser observadas na pesquisa Cano & Ferriani (2000) supracitada onde 18,1% das meninas indicaram a gravidez como sendo o motivo para a evasão escolar. Entre os meninos da mesma faixa etária, apenas 1,3% declararam que interromperam os estudos pela mesma razão.

Neste sentido, a categoria de análise a ser utilizada para entender um pouco mais sobre a sexualidade na adolescência pode ser também a de gênero, levando-se em conta, segundo Saffioti (1994), seu “universo conceitual relacional”, ou seja, de que o gênero tende a diferenciar a vivência de situações da vida e, concomitante a isso, a relação escolar entre mães adolescentes, será diferente da de pais adolescentes.

Segundo Abramovay et al (2004), é a partir dos anos 70 que se começa uma investigação e emergência dos estudos sobre gênero no espaço acadêmico, o que significa que temos mais de 40 anos de estudos sobre o tema, segundo a autora a emergência do tema surge como resultado da ação do movimento feminista. Para Abramovay essa emergência dos estudos de gênero corrobora com novas teorias e perspectivas sobre a discussão da sexualidade. “A juventude é também ciclo decisivo para demarcação de diferenças de gênero no campo de identidade.” (ABRAMOVAY et al, 2004, p. 33).

Para Taquette (2005) o comportamento sexual de um indivíduo depende não só da etapa de desenvolvimento em que se encontra, como também do contexto familiar e social

em que vive. Assim, acredito que é preciso lermos e conhecermos o espaço social e a trajetória das mães adolescentes brasileiras, através de pesquisas que abordem o tema e, quem sabe, possamos identificar quais as referências que elas tiveram durante a sua vida e como a sexualidade era tratada em seu meio social, entendendo, assim, se existe alguma repetição de trajetórias. Quem sabe possamos voltar nessa discussão em um próximo trabalho.

1.2 JUVENTUDE, GRAVIDEZ E ESCOLA

Apesar da gravidez considerada precoce não ser um fato novo, acontece desde sempre – embora há séculos e em algumas culturas, a idade não seja impedimento ou tabu para a jovem tornar-se mãe – as mudanças geracionais vem ressignificando a forma como essas meninas encaram a gravidez e até mesmo a vida de casada. De acordo com Almeida (2008) no campo sócio-antropológico as expectativas em torno da idade mudam historicamente e socialmente. Já houve um tempo em que a idade ideal para mulheres terem filhos era entre 14 e 18 anos. Faixa etária esta em que o ECA considera como adolescência e, segundo a Organização mundial da saúde (OMS), a juventude compreende a faixa dos 15 aos 24 anos.

Na sociedade contemporânea e nas gerações mais recentes, de acordo com Almeida (2008), é esperado dos jovens, em especial, a figura feminina, que se dediquem aos estudos para que no futuro ocupem melhores postos de trabalho. Seria através da formação educacional que os jovens alcançariam o sucesso profissional. Assim, a gravidez é vista como elemento destinado à fase adulta, pós formação profissional e estabilidade financeira. Então, a gestação na fase da adolescência representaria um problema, seria algo que atrapalha a vida escolar, e é entendida pela sociedade como principal causa da evasão escolar e, por consequência, fracasso no mundo do trabalho (ALMEIDA, 2008).

A gravidez na adolescência pode e deve ser observada a partir de várias instâncias da vida social, posto que a gravidez precoce está relacionada a questões familiares, escolares, de sexualidade, de aspectos socioculturais e etc. Sposito (2000), faz um levantamento de teses e dissertações que envolvem entre outros temas a gravidez considerada precoce, a ideia da autora foi demonstrar o crescente interesse sobre o tema e apontar que existem trabalhos que apesar de se voltarem para a mesma temática analisam a gravidez adolescente de pontos de vista variados.

[...] o trabalho de Zacariotti (1998), que procura retirar subsídios para políticas educacionais preventivas da maternidade precoce, mostrando a correlação positiva existente entre nível de escolaridade e o uso de métodos contraceptivos, além da rejeição aos valores conservadores em relação à vida sexual. [...] trabalhos como a dissertação de Targino (1995), [...] examinam a gravidez na adolescência partem de uma visão que o adulto formula sobre o problema e não a partir da perspectiva da adolescente. [...] a dissertação de Andriola (1998) procura investigar concretamente as repercussões da gravidez e da maternidade não planejadas sobre histórias de vida, ouvindo o depoimento de jovens universitárias. A dissertação de Luz (1995) leva mais longe essa questão, analisando o problema do ponto de vista histórico, a autora procura desconstruir a perspectiva institucionalizada e quantitativa com que a literatura brasileira de cunho médico-psicológico percebeu a questão da maternidade adolescente. (SPOSITO, 2000, p. 43)

Foi possível observar durante essa investigação (CAVALCANTE, 2018) que as meninas participantes dessa pesquisa compartilham da ideia de que a formação escolar é um caminho para a emancipação e sucesso profissional. As poucas meninas que demonstraram interesse em retomar os estudos pós gravidez, veem a escola como instrumento de mudança social, usam do argumento que não querem depender para sempre “dos outros”, que não querem “pedir dinheiro ao marido”. Diante disso, me questiono sobre o pensamento e opinião delas com relação às mudanças sociais do papel da mulher, da mulher mãe e profissional. Os depoimentos dessas mães mostram que elas não veem a gravidez em si como o fator decisivo para o afastamento delas do espaço escolar, contudo, elas listam uma série de outros fatores, que somados a gestação, contribuíram para a saída delas da escola.

É bem verdade que as mudanças geracionais trouxeram novas possibilidades às mulheres, novos papéis sociais, novas formas de encarar a sexualidade. De acordo com Mannheim (1993), compõem uma mesma geração os jovens que experienciam os mesmos problemas/marcos históricos concretos e, de acordo com a definição defendida por Laufer & Bengtson (1974), destaca-se o termo geração, o compartilhamento de vivências, entendendo que se trata de um fenômeno onde pessoas com idades próximas compartilham vivências e experiências culturais, sociais e econômicas. Dessa forma, essas meninas compartilham com outras jovens uma visão de maternidade adolescente que não é “sina”, que não marca definitivamente o fracasso pessoal e profissional, elas sabem que podem e devem retomar a trajetória de formação educacional.

Coube neste trabalho como categoria de análise o termo juventude, pois quando falo dessas mães adolescentes, estou me referindo a indivíduos que se reconhecem como jovens e está dentro da faixa etária da OMS que os reconhecem como tal. Sposito e

Carrano (2003) chamam nossa atenção para a necessidade de atentarmos para o fato de que não existe apenas “juventude”, segundo os autores “tem sido recorrente a importância de se tomar a idéia de juventude em seu plural – juventudes –, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os sujeitos” (SPOSITO; CARRANO 2003, p. 17).

Podemos ter a ideia de que a juventude é um elemento constitutivo de diferentes figurações e que diversos fatores contribuem para a sua formação e é essa pluralidade que identifica a juventude. De acordo com Dayrell (2003), o termo juventude traz muitas representações, contudo é marcado por mudanças corporais e sociais. Para ele a juventude é um momento que reúne intensidade e transformações que acompanharam o jovem durante toda sua vida. Portanto, é importante reconhecermos que adolescência e juventude representam, sobretudo, uma quebra entre o que o indivíduo era e o que ele passa a ser. No caso da mãe adolescente está em meio ao descobrimento do que é ser mãe e do que ela será ao longo da vida.

A juventude é marcada também pelo período de transição dos últimos anos do ensino médio e o início do ensino superior, caso o jovem tenha feito uma trajetória escolar regular. Portanto, a juventude engloba um período que a sociedade considera importante da vida escolar⁷ – formação superior ou técnica. É na fase da juventude que se inicia os questionamentos por parte da família e da sociedade com relação à tomada de decisão frente ao futuro, ao que esse jovem pretende fazer com/na sua vida. Com isso, surge uma pressão maior sobre a relação entre ele e a formação escolar e profissional. As adolescentes que participaram dessa pesquisa, além dessa cobrança natural desta fase da vida, têm que lidar com as “decisões sobre o futuro” levando em consideração a gravidez, o que intensifica as dificuldades e pressão social.

Considerando a ligação juventude e escola, posto as dificuldades comuns a essa relação, acredito que o abandono escolar, que a decisão de interromper os estudos, ocorrem não necessariamente porque as mães engravidaram, mas por falta de apoio escolar, familiar, dos pais das crianças, de condições financeiras e psicológicas, enfim, por vários motivos presentes nas diversas instâncias da vida cotidiana.

A adolescência e a juventude está estritamente relacionada a ideia de liberdade, do ser livre, da irresponsabilidade, como apontam os autores Abramovay e Esteves (2007, p.23) de que “a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de

⁷ Para mais leituras sobre juventude, trabalho e vida escolar, ver o texto: Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio, de SILVA: PELISSARI; STEIMBACH (2013) disponível em: < <http://www.periodicos.usp.br/ep/article/view/58625/61693>> Acesso em 18/04/2019.

uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas de como ela vê os jovens”. É comum que a sociedade veja a juventude associada a vida desprestigiada, a fase da vida na qual se pode arriscar e não tem tantas responsabilidades, de acordo com Gonçalves e Knauth (2006)

Os jovens "têm a vida pela frente", "devem aproveitá-la", "são novos", "há tempo para mudar e aprender a ter limites" são falas abrangentes e significantes do contexto juvenil. A coexistência entre a idéia de juventude valorizada e aquela das atitudes criticáveis (pela imaturidade e inconseqüência) ressalta como são alguns comportamentos absorvidos e adequados a cada contexto e tempo. [...] as representações, as percepções e os preconceitos do que é ser jovem ou adolescente, ou das expectativas da juventude, podem ser encontradas em expressões de uso popular com significados múltiplos e exemplares para várias discussões. (GONÇALVES; KNAUTH, 2006, n.p)

Neste sentido, a juventude pode ser entendida numa perspectiva heterogênea, sendo um conceito amplo e variável, que apesar de ter uma construção social forte – daquilo que ela deve ser e do que os adolescentes devem fazer nessa etapa da vida – tem desdobramentos diferentes para cada jovem. Gonçalves e Knauth (2003) afirmam que existem vários marcadores sociais importantes que definem espaços de sociabilidades e comportamentos dos sujeitos, portanto, são essas referências que conduzem nossas vivências/trajetórias.

Segundo Doutor (2016), a juventude é uma noção/conceito construído socialmente, que não pode ser definida levando em consideração critérios exclusivamente biológicos, psicológicos ou sociológicos, é preciso considerar a união desses fatores frente à vivência da juventude. A gravidez durante uma fase que socialmente se atribui a liberdade e o desafiorar para a vida, vai contra a expectativa que a sociedade tem da vivência dessa juventude. Para Gonçalves e Knauth (2006),

Se *aproveitar* a juventude é também testar fronteiras valorativas e morais, que na atualidade estão mais fluidas, então, a gravidez adolescente enfatiza o lado oposto, de vinculação com compromissos: filho, companheiro, casa e cônjuge. Essa é uma forma com que se pode olhar para a gravidez diante de algumas concepções dissipadas de como *ser* nessa fase do ciclo da vida. O momento de rompimento criticado e moralizado está, em parte, aliado às qualidades positivas da vida juvenil. (GONÇALVES; KNAUTH, 2006, n.p)

Para as autoras a gravidez na adolescência é uma quebra do que se espera, e a gravidez um fator que encurta um período da vida, logo aquele resguardado para o “acaso”, para o “descompromisso”. De acordo com Gonçalves e Knauth (2006) apesar dessa ideia de liberdade do jovem ser amplamente aceita nas sociedades atuais, existe uma diferença

na concepção dos jovens/adolescentes, a gravidez é a passagem adulta se considerarmos o contexto sociocultural no qual vivem, segundo as autoras “retomando a distinção por camadas sociais, nas classes populares, a gravidez na juventude/adolescência é mais visível e muitas vezes parece menos angustiante para a família do que para as de camada média/alta” (GONÇALVES; KNAUTH, 2006 n.p)

O termo juventude na perspectiva de Bourdieu (1983), trata-se de uma construção social originária das lutas entre jovens e velhos. No caso específico desta pesquisa procuro saber qual o perfil das mães e quais fatores interferiram na tomada de decisão delas com relação a expectativas e trajetória escolar, quais/ e se tiveram/resolvem abandonar ou pausar a trajetória escolar/de formação educacional.

Muitas dessas mães adolescentes estão vivenciando o final do ensino médio e em alguns casos pretendem articular o estudo com um possível trabalho, contudo a criação do filho foi apontada como prioridade. Acacia Zeneida Kuenzer (1997) nos mostra os novos desafios que o ensino médio demanda, e pensa a educação dos que vivem do trabalho, e isso requer, antes de tudo, a compreensão de que socialmente somos permeados pelas diferenças de acesso cultural, o que define sobremaneira a inserção no trabalho (COSTA, 2014).

Muitas pesquisas exploram essa relação entre juventude e escolarização, contribuindo para entendermos como esta pode ser uma dinâmica difícil para muitos jovens, principalmente, se em meio a isso existir uma gravidez. Uma das maiores pesquisas sobre o comportamento sexual e a gravidez na adolescência no Brasil foi a GRAVAD (Gravidez na Adolescência. Gênero e Sexualidade: Estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil), realizada entre os anos de 1999 a 2006. A pesquisa reúne uma série⁸ de produções científicas que corroboram para o entendimento da gravidez considerada precoce no Brasil e a relação dela com fatores como a educação.

A pesquisa GRAVAD possui um bloco específico de investigações sobre trajetória escolar e de trabalho entre as jovens mães, como o trabalho de Almeida (2008), onde a autora traça uma investigação sobre a gravidez na adolescência e a escolaridade em três capitais brasileiras. A autora apresenta dados sobre como a família e a escola representam lugares fundamentais na informação sobre sexualidade para os jovens, sendo esses os principais espaços de formação.

⁸ Para acessar alguns trabalhos veja: <http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?inford=4362&sid=1>.

Citando os dados da pesquisa GRAVAD, Almeida (2008) afirma que a gravidez é um fator que está presente na realidade da maioria dos adolescentes que interromperam a trajetória escolar,

Quase metade das jovens que interrompeu os estudos relatou pelo menos um episódio reprodutivo na adolescência, proporção muito superior àquelas com trajetória regular ou mesmo as que apesar da repetência mantiveram-se estudando [...] Entre os rapazes o que chama a atenção é a ocorrência quase desprezível de gravidez entre aqueles com trajetória regular (ALMEIDA, 2008, p.60).

Essa mesma observação pode ser feita na presente pesquisa, todas as mães adolescentes já estavam fora ou saíram da escola após a descoberta da gravidez, o que não se repetiram entre os pais dos bebês, os que estavam frequentando a escola permaneceram na mesma. Ou seja, a vida escolar da mãe adolescente é mais afetada pela gravidez nessa fase da vida do que a vida de outros atores sociais envolvidos, como o pai do bebê.

Portanto, nesse capítulo podemos perceber que a relação entre juventude-escola-gravidez talvez seja pautada pela dificuldade naturalmente trazida por cada um desses elementos, que quando somados, potencializam o problema. A vivência da gravidez é única, e é preciso considerar fatores como situação econômica, espaço social e familiar, gênero e concepção da juventude para que possamos analisar de forma mais clara os impactos dessa gestação para a trajetória escolar da jovem mãe. Fiz essa discussão baseada em autores que trabalham temas que potencializam as desigualdades educacionais e essas, por sua vez, são fruto da desigualdade social. Assim, faz-se necessário discutir as questões de desigualdade e impactos na aprendizagem, o que faremos no capítulo seguinte.

2. A TRAJETÓRIA DE MÃES ADOLESCENTES E DESIGUALDADES EDUCACIONAIS: UM DIÁLOGO COM PIERRE BOURDIEU.

*“O sorriso gela
a porta do paraíso prometido.*

*A tarde cobre-se de frio
grita
esconde-se atrás dos
casacos
faz esculpir aquela saudade
do lugar
jamais percorrido.*

*Escorrem feito sorvete
as esperanças derretidas
no ardor do querer.”
(Calafrio, Miriam Alves)*

A gravidez na adolescência e a interrupção da trajetória escolar não são acontecimentos exclusivos de uma camada/classe social, a interrupção acontece em todas as classes sociais. Contudo, o inter-rompimento/pausa na trajetória de formação educacional, entre as mães adolescentes de classes populares, acontece com maior incidência. O abandono escolar, segundo pesquisas do PNAD/IBGE (2018), é mais comum entre jovens e crianças das classes sociais pobres, mesmo fora do contexto de gravidez considerada precoce. As desigualdades educacionais estão relacionadas à situação de classe social e outros demarcadores sociais como etnia e raça.

De acordo com a Pesquisa⁹ Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE, 2018) no Brasil, os motivos mais frequentes apontados pelos entrevistados para estarem fora da escola foram: trabalhava/procurava trabalho (39,7%); não tinha interesse em estudar (20,1%); cuidar dos afazeres domésticos ou de pessoas (11,9%). Esses números são alarmantes se considerarmos que 1/4 da população jovens brasileira está fora de qualquer espaço educacional ou de formação profissional. De acordo com a pesquisa o número médio de anos de estudo para homens negros/pardos é de 8,0 anos e mulheres negras/pardas 8,5 anos, em contraponto para homens e mulheres brancas, a média é de 10 anos.

A pesquisa do PNAD (2018), ao fazer uma separação entre o desenvolvimento escolar de pessoas brancas, pretas e pardas e também por desenvolvimento regional, mostra como a desigualdade educacional acentua a diferença étnica e territorial. Através desses dados podemos observar, por exemplo, que a taxa de analfabetismo entre pessoas de

⁹Pesquisa PNAD 2017
https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0100c143af8b5ece22cdca063d2a4151.pdf Acesso em 20/02/2019.

15 anos ou mais entre homens e mulheres brancas representam 4,0%, enquanto homens e mulheres negras ou pardas representam 9,3%. Ainda segundo a pesquisa, no ano de 2017, das 48,5 milhões de pessoas de 15 a 29 anos de idade, 23,0% (cerca de 11,2 milhões) não estavam realizando nenhuma atividade educacional. A pesquisa aponta que esse grupo fora da escola era dividido entre, cerca de 52,5% homens e 64,2% eram pessoas de cor preta ou parda, mais da metade do total eram pessoas pretas ou parda, ou seja, a diferença étnica é considerável

A taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, em nível de Brasil, foi de 7,0% em 2017, e se manteve acima da meta intermediária do PNE (Plano Nacional de Educação). Por regiões podemos notar a discrepância em relação ao norte e nordeste com as demais regiões do país. As regiões que estão abaixo da taxa de analfabetismo no Brasil são as regiões Centro-Oeste (5,2%), Sudeste e Sul (ambas com 3,5%) enquanto o Nordeste (14,5%) e o Norte (8,0%) estão acima da média nacional.

Considerando essas e outras pesquisas nacionais e levando em consideração os dados coletados e apresentados nessa pesquisa, coletados para a pesquisa de mestrado (CAVALCANTE, 2018), entendo como sendo importante discutir a situação/trajetória escolar dessas mães com relação a fatores sociais, os quais, são importantes para analisar como elas vão vivenciar ou não a escola pós gravidez. Para tanto trago os autores Pierre Bourdieu (1998, 2007, 2009) como aporte teórico para essa discussão sobre juventude grávida e desigualdade educacional.

Pierre Bourdieu (1998, 2007, 2009), a partir da década de 1960, produziu uma vasta obra que contemplava questões essenciais nas discussões da sociologia da cultura e da educação. A discussão dos temas de educação e cultura, tais quais as teorias desenvolvidas por esses autores, foram e são importantes e tornaram-se ponto de partida para teóricos e pesquisadores, entre eles Bernard Lahire, que entre outras críticas, faz um debate sobre a noção de *Habitus* construída por Bourdieu (1998), conceito importante para o estudo que é feito aqui.

Pierre Bourdieu com seu conjunto de análises e conceitos de campos, classes, *habitus*, galgou o reconhecimento de pesquisadores, professores, estudantes e garantiu um espaço importante na sociologia. Lahire (2009) constrói sua crítica sobre o conceito de *habitus* partindo da ideia de que o mesmo não abrange as multiplicidades dos sujeitos, as particularidades e disposições incorporadas. Em *O Homem Plural* o autor defende que não podemos classificar o *habitus* como algo homogêneo, pois isso se aplicaria apenas em algumas sociedades.

De certa forma, Bourdieu surgia propondo novas formas de pensar sociologicamente as funções e o funcionamento social dos sistemas de ensino nas sociedades contemporâneas, além de questionar a estrutura da instituição escolar francesa. Ele propunha pensar sobre as relações que a escola mantém com os diferentes grupos sociais, a escola e a relação com o indivíduo, mas também a escola e a relação com o saber.

Para construir sua linha teórica Bourdieu (1998, 2009) precisou entrar na história dos indivíduos para traçar discussões sobre as disposições dos mesmos, fez uma macrosociologia, diferente do que Lahire procura fazer. Lahire (2002, 2009) critica o caráter generalizador da macrosociologia, apesar de não negar a sua importância e contribuição. Lahire (2002, 2009), chama a atenção para o problema de enquadrar tudo e todos em regras gerais, pois é importante considerarmos as características individuais dos sujeitos.

Portanto, a visão desses dois autores torna-se importante para refletirmos sobre as questões aqui apresentadas: meninas mães, que precisaram/decidiram interromper a trajetória escolar, meninas que não veem a escola como um lugar pertencente a elas.

Pierre Bourdieu (1998, 2007), a partir de suas pesquisas, buscou problematizar e questionar, dentro das sociedades de classes, algo que a muito tem sido tema de interesse dos pesquisadores, tanto no campo da sociologia como nas demais Ciências Humanas. O autor tentou responder de que forma e movidos por qual motivo, certos grupos de indivíduos têm o poder sobre grupos maiores, como esses pequenos grupos conseguem exercer domínio sobre os outros, conseguindo definir categorias, instituir padrões, classificações e leis, e ainda assim, conseguir que os demais indivíduos se comportem e hajam tal qual essas regras e padrões que se impõem.

Assim suas teorias e conceitos de análise, corroboram para as pesquisas desenvolvidas a luz do pensamento sociológico no campo educacional, nas pesquisas sobre o currículo, sobre as desigualdades sociais e a escola como reprodutora e, por vezes, intensificadora das diferenças entre os indivíduos. Tal reflexão torna-se possível quando se toma como referências analíticas, por exemplo, as condições de produção do saber e de disseminação dos bens culturais e simbólicos, como teatro, museus, cinemas, livros, músicas, viagens. Elementos estes que estão além do espaço escolar, mas refletem diretamente no desenvolvimento do aluno e na sua aprendizagem. Possivelmente, pessoas que não tem acesso a esses bens culturais estão privadas de aprender de forma mais

dinâmica, de ter conhecimento sobre arte, de desenvolver outras habilidades intelectuais que surgem das experiências de vida, questões abordadas por Bourdieu (1998, 2009).

Quando falo sobre desigualdade social, estou também apontando para uma relação entre grupos, indivíduos, culturas, países, sexos, saber, ou seja, questões presentes no mundo social. Contudo, a escola é um espaço de sociabilidade, onde essas diferenças e desigualdades estão em constante contato. Sendo assim, se um aluno é uma mulher, grávida em uma faixa etária considerada precoce, pobre, negra, moradora de periferia, carrega um perfil mais propenso a gerar desigualdades de aprendizagem e futuramente ter acesso ao mercado do trabalho, por exemplo.

Lahire (2002, 2009) adentra a discussão do *habitus* após Bourdieu, voltando sua observação mais para o indivíduo. Segundo a teoria de Lahire, tecendo críticas a Bourdieu, a socialização está no centro da formação das disposições sociais. Logo, as instituições como a família e a escola ocupam um papel importante na formação do ser social, assim, essas disposições surgem das relações nas quais os sujeitos estão inseridos. Em *O homem Plural* (2002), por exemplo, Lahire (2002) procura traçar uma crítica e limitar o conceito de *habitus* defendido por Bourdieu. Ele põe em cheque a eficácia desse conceito em compreender as práticas sociais dos sujeitos.

Lahire (2004) procurando analisar as formas de socialização considera que não há uma forma única de comportamento, principalmente cultural. Necessita-se compreender que há diversidade cultural mesmo entre grupos com condutas próximas, as quais afetam o comportamento dos sujeitos. Tal perspectiva de análise, me leva a refletir sobre a interseccionalidade presente no grupo de mães adolescentes, uma mãe adolescente pobre e negra, não é a mesma mãe adolescente de classe média e branca, provavelmente, as dificuldades trazidas pela gestação considerada precoce são diferentes entre esses universos, inclusive no espaço escolar.

Embora ambos os autores discutam a Sociologia da Prática, um concentra-se mais numa abordagem em escala individual e outro nos agentes de classe. Observa-se que Pierre Bourdieu (2009) em sua construção teórica dedica-se a compreender os agentes a partir de um *habitus* comum de classe, apenas mais tarde o autor adentra a discussão dos *habitus* individuais. Posteriormente, Bernard Lahire (2002, 2004) com a proposta consideravelmente recente para os estudos sociológicos, aponta para a teoria disposicional do indivíduo, traçando uma perspectiva teórica em escala individual. Este último autor, avalia a ampliação das experiências dos indivíduos, considerando que essa pluralidade de experiências precisam ser observadas ao longo da vida do indivíduo para que se

compreenda as disposições, e que as mesmas interferem nele sobre si mesmo. Assim, podemos considerar que existe uma relação entre desigualdade social a desigualdade educacional, contatação que pode ser comoprovada com pesquisas como a do GRAVAD (1999-2006), como já citei.

A situação de mães adolescentes participantes dessa pesquisa que são pobres e moradoras de bairros considerados periféricos, que encontram dificuldades em se manter na escola, voltar para escola e até entender a educação como algo importante em suas vidas, para ser um exemplo ideal para compreendermos o conceito de *Habitus*, ou seja, o interrompimento da trajetória escolar não é consequência apenas da gravidez precoce.

Os sujeitos dessa pesquisa são exemplos pertinentes para compreendermos na prática como esse conceito de *habitus* estrutural está presente na estrutura social. A situação dessas mães frente à instituição escolar ilustra as influências do *habitus*, disposições sociais e práticas sociais na formação e trajetória do sujeito, tal qual Bourdieu e Lahire questionam.

2.1 INSTITUIÇÃO ESCOLAR E HABITUS DE CLASSE

A escola é um espaço que concentra muita diversidade, nela é possível vermos os mais variados perfis de alunos e as mudanças, quando existentes, dentro dessa instituição sempre foram de interesse de muitos pesquisadores, inclusive no campo da Sociologia. Bernanrd Lahire (2002, 2004, 2009), por exemplo, desenvolveu seus estudos no campo da sociologia da cultura e da educação. A teoria do referido autor sobre múltiplas formas de socialização, corrobora para entendermos a importância da escola e de outras instituições de formação para a composição social do sujeito.

Contudo, proponho aqui que façamos uma reflexão a cerca das instituições escolares, de como elas estão estruturadas, considerando fatores como desigualdades sociais, *habitus*, trajetórias, distinção, capital cultural e simbólico, como fatores que estão diretamente ligados ao abandono e permanência escolar de mães adolescentes, pobres, solteiras e moradoras de bairros periféricos.

Segundo Bourdieu (1996, p.22):

Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, na qual se exprimem as disposições do *habitus* e reconstitui a série das posições sucessivamente ocupadas por

um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos.

De acordo com Bourdieu (2007) o *habitus* seria o fator responsável pelas práticas sociais, e essas resultam em configurações específicas, particularidades, interagindo com os mais diversos campos da vida social. De certa forma, o autor com seu conceito de *habitus* constrói um sujeito social simples. Por outro lado, Lahire (2002), apesar de partir da definição de *habitus* concebida por Bourdieu (2009), entende e defende o indivíduo como um ser complexo e passível de mudanças, o qual é moldado e remoldado pelas experiências e nas diversas relações sociais, surgindo então um novo *habitus*.

Segundo Bourdieu (2009), todo indivíduo passa por experiências únicas, individuais. Assim, para defini-lo precisamos analisar sua trajetória em particular, qual formação educacional, quais gostos, qual a sua estrutura familiar, o que viu e o que viveu. Para este autor, as práticas individuais são impulsionadas por motivos estruturais. Nas palavras de Bourdieu (2009, p.7):

A posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estritamente estático, isto é, como posição relativa (“superior”, “média” ou “inferior”) numa dada estrutura e um dado momento. O ponto da trajetória, que um corte sincrônico apreende, contém sempre o sentido do trajeto social. (BOURDIEU, 2009, p. 7).

Assim, para Bourdieu (2009) a estrutura se sobrepõe ao caráter individual do sujeito. No caso das mães adolescentes, não podemos olhar apenas para o problema do abandono escolar, mas, considerar os fatores socioeconômicos que corroboram para que essa jovem mãe, não consiga conciliar a maternidade, a vida social e a vida escolar.

Embora, frequentar a escola seja um direito comum a qualquer adolescente, na prática, essa atividade corriqueira na vida de muitos adolescentes não é uma realidade para todos. Para além da gestação precoce, essas mães enfrentam dificuldades sociais, econômicas e familiares, o que acaba por dificultar a permanência na escola. Muitas, em seu espaço de convívio social, se deparam com outras mulheres que ao terem filhos ou casarem abandonam o espaço escolar. Para Bourdieu (2002, p. 52), “o conjunto de características da carreira escolar, as seções ou os estabelecimentos, são indícios da influência direta do meio familiar...”.

Segundo pesquisas (GRAVAD, 1999-2006), a maior parte das mães em idade considerada precoce brasileiras são meninas vindas de famílias matrilocais, pobres, com renda girando em torno de um salário mínimo, beneficiárias de programas assistencialistas

do governo brasileiro e com pouco acesso a bens de consumo. Cabe ressaltar que em alguns casos as mães dessas mães adolescentes tiveram uma experiência escolar muito parecida com a que suas filhas vivenciam. Sendo assim, a trajetória social e de vida dessas mães adolescentes, acabam sendo a repetição de um drama presente na família, são experiências igualmente experimentadas na realidade vivida por seus pais, que tal como as filhas tiveram baixa escolaridade, abandonaram a escola para formar uma família e não possuem qualificação profissional.

Portanto, é fato que essas meninas não têm as mesmas condições de acesso a conhecimento que outras adolescentes em situações socioeconômicas privilegiadas. Assim, é bem possível que já se encontrem numa situação de desigualdade social, a qual corrobora, em algumas situações, para um desenvolvimento escolar desigual, agravado, neste caso, pela gravidez considerada precoce.

Bourdieu (2002), ao discutir o conceito de capital cultural, tal capital refere-se ao acúmulo de experiências intelectuais, ao acúmulo de aprendizagens, com esse conceito o autor procura demonstrar como, além de outras prerrogativas, a posse desse capital interfere no desenvolvimento escolar. Para o autor, as diferenças de rendimento escolar obtidas por crianças de classes sociais diferentes são consideráveis, quanto mais capitais culturais, mais facilidade no desenvolvimento cognitivo e intelectual. Contudo, o autor discorda da ideia de "dom" ou "aptidões", ou seja, talento (BOURDIEU, 1998). Bourdieu fala de desigualdades, as quais, para ele são resultados da distribuição, de natureza desigual, do capital cultural entre as classes e as frações de classes: para o autor, é fato que "o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família" (p. 74). Assim, falar de mães adolescentes que não conseguem dar continuidade aos estudos, é falar também, do rendimento escolar, ou da ausência dele.

Assim, podemos refletir como o acesso a bens de consumo e culturais interferem na permanência escolar. Por exemplo, o capital cultural, na definição de Bourdieu (2007), é, sobretudo, um instrumento de poder. Aqueles que possuem tal instrumento, detém um maior valor sobre o outro, possuem melhores chances, têm mais distinção sobre os demais indivíduos.

Conforme falei anteriormente uma pesquisa sobre evasão escolar feita em parceria com o Ministério da Educação, a Organização dos Estados Ibero Americanos (OEI) e a Faculdade Latino-Americana de Ciências (Flacso), a gravidez considerada precoce é um dos principais motivos que tiram as adolescentes pobres da escola, motivo pelo qual elas também não retornam, porém, não é o único impedimento de seu retorno. Contudo, a

pesquisa mostra que o mesmo não se repete entre as meninas com renda familiar mais alta, com pais que terminaram o ensino médio e cursaram cursos técnicos ou superiores, meninas que fazem parte de famílias consideradas de classe média e alta, entre essas o índice de retorno escolar é mais elevado.

O que discutimos aqui é um problema causado por um emaranhado de fatores já apresentados por Bourdieu, é uma questão de classe, de uma ausência de capital cultural, capital simbólico, de desigualdade social. Bourdieu usa o conceito de Capital Simbólico na perspectiva de compreender fenômenos sociais, ou melhor, traços sociais que formam sistemas simbólicos, que podem corroborar em algumas instâncias sociais, pois formam um poder estruturante porque são estruturados.

Os símbolos, encadeados pelos sistemas simbólicos, têm como função mais importante a integração social. Para o sucesso ou não sucesso escolar, por exemplo, segundo Bourdieu, o capital cultural – ou a falta dele – seria fundamental, ele representa o conglomerado de conhecimentos apreendidos, experiências em teatros, conhecimentos de música, viagens, leituras, etc.

A única causa específica para tal ação – evasão escolar – seria a gravidez numa idade considerada precoce. Essas pessoas no espaço escolar com uma representação social de um adolescente padrão não aceitam de bom grado aqueles que não se encaixam, assim acabam praticando a violência simbólica (BOURDIEU, 2004) sobre outro grupo de indivíduos. Assim dizem as mães, pois, não raramente existiam mais de uma adolescente grávida na escola.

Podemos compreender que os sujeitos sociais tendem a definir eventos e fenômenos que divergem da norma esperada. Émile Durkheim (1994) atribui as representações sociais como sendo uma representação coletiva, considerando a especificidade do pensamento social com relação ao pensamento individual. Para este autor, as representações coletivas são resultados dos fenômenos sociais, fatos sociais, Durkheim (1994, p. 43) afirma que “[...] as representações coletivas são exteriores às consciências individuais”.

Cada mãe jovem ao redor do mundo carrega consigo uma carga de experiências únicas, as quais nos levaram a perceber as multiplicidades de experiências frente à gravidez. Sabe-se que cada indivíduo passa por experiências individuais, assim, para compreendê-lo, precisamos atentar para sua trajetória, qual sua estrutura familiar, sua formação educacional, onde vive, dentre outros aspectos. De acordo com Bourdieu (2009)

precisamos considerar toda a trajetória do indivíduo para compreender como ele chegou a uma determinada posição na estrutura social.

Ao falar do grupo mães jovens e adolescentes, estou tratando de um grupo que naturalmente vivencia experiências distintas e próprias da faixa etária. Para Bourdieu (1983), quando se pensa em definições para os indivíduos e seus papéis, define-se por uma construção social, quando se trata dos jovens/adolescente, em especial, trata-se de uma construção originária das lutas e reivindicações entre velhos e jovens. Quando o autor, pensa na questão da juventude, é necessário destacar que outros conceitos estão intercalados a essa trajetória, os conceitos de campo e *habitus*, que assim abarcam os eventos sucessivos que são ocupados pelos indivíduos dentro de um determinado campo, seja ele a escola, a família, grupos culturais, assim orientando o perfil e a própria ação na trajetória dos atores sociais.

O *habitus*, tal como aponta Bourdieu (2007), é a chave para a compreensão das práticas sociais dos sujeitos. Para o autor, as práticas e as posições dos indivíduos e classes sociais no que o autor define como espaço social, correspondem a alguns critérios: primeiro a quantidade de capital possuído; segundo, pelos elementos que compõem esse capital e, por fim, a trajetória desse indivíduo. Podemos entender que nasce da relação entre condições culturais e materiais, as preferências, gostos e disposições dos sujeitos, tal qual se reproduzem determinadas relações, como por exemplo, a tendência de domínio de uma classe sobre a outra.

Segundo Bourdieu (2007), o gosto é resultado de uma relação entre o volume, estrutura do capital e a trajetória social de um indivíduo, assim como de uma inteira classe. Bourdieu (2007) vai falar dos gostos de classe e estilos de vida, em especial no campo da arte e da cultura, mas a linha de raciocínio que ele usa para justificar a formação desses gostos parece pertinente para entendermos um pouco de como se constrói as preferências dessas meninas e, assim, como tal, pode influenciar em todas as escolhas delas, inclusive no campo educacional. Essas mães muitas vezes, não podem escolher continuar ou não na escola, não conseguem dedicar-se aos estudos, a formação educacional não é algo comum no seu ciclo social, portanto a necessidade acaba as direcionando para longe da escola.

Isto posto, podemos concluir que ambos os autores compreendem a influência das instituições de formação para a construção do sujeito, sejam eles a família ou a escola, embora um considere isto em escala estrutural e outro em escala individual. Contudo, precisamos considerar que a proposta teórica de Lahire (2002, 2004, 2009) é mais recente, sua definição para o conceito de *habitus* é pensada para uma sociedade contemporânea

mais atual. Foi desenvolvida compreendendo que vivemos em sociedades cada vez mais complexas, heterogêneas e com indivíduos cada vez mais carregados de características individuais.

3. “AR MARIA¹⁰, DÁ PRA MIM NÃO”: NARRATIVAS DA EXPERIÊNCIA/TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE MÃES ADOLESCENTES

*“[...] Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fê na vida”*

(Maria, Maria, Elis Regina)

Ao iniciar em 2016 a pesquisa que hoje serve como base para a desenvolvimento deste trabalho, tinha a pretensão de conversar com as mães adolescentes sobre questões como a sociabilidade, o apoio entre elas, a relação com os bebês e etc. Nesse processo o foco da pesquisa mudou, percebi uma importante relação entre essas mães com seus bebês e suas mães, avós dos bebês, então essa tríade passou a ser nosso objeto de pesquisa. Pensei em ir a campo desarmadas de perguntas pré-elaboradas, e assim o fiz. As redes sociais permitiram que o acompanhamento fosse diário, as conversas mais espontâneas e o aparecimento de vários outros temas como saúde preventiva, lazer e, é claro, escola.

A escola, a continuidade ou não dos estudos ou a possibilidade de entrar no mercado de trabalho foram assuntos que surgiam com uma certa frequência nas nossas interlocuções com as adolescentes grávidas. Quase sempre elas iniciavam essas conversas envolvendo as expectativas para o futuro. Ao observar essa frequência, senti-me particularmente interessada em olhar essas falas de forma mais analítica, principalmente, ao perceber a quantidade elevada de mães que estavam fora da escola.

Neste capítulo traremos de alguns trechos do que as adolescentes falaram sobre a situação escolar e expectativas de formação para a fase pós gravidez. A pesquisa lá no Mestrado em Sociologia (CAVALCANTE, 2018) teve o envolvimento de 16 adolescentes. Contudo, a relação de acompanhamento ocorreu com seis delas, com as

¹⁰ É uma forma de abreviar o termo “Ave Maria” “Armária”, tem uma conotação de espanto, admiração e até recusa.

quais conversei sobre formação educacional, saúde da família, relacionamentos amorosos e familiares, violência doméstica e urbana, sexualidade, muitos temas da vida cotidiana. Portanto, são os depoimentos dessas seis mães, que estudavam em escola pública, que analisaremos aqui.

As seis meninas que participaram ativamente da pesquisa, estavam fora da escola, quatro interromperam a trajetória escolar antes mesmo de ficarem grávidas, o que despertou minha curiosidade para saber os motivos que levaram a tomada dessa decisão. Ao perguntar sobre esses motivos, ouvia como justificativas por terem abandonado a vida escolar questões como a dificuldade de aprendizagem, falta de concentração, necessidade de trabalho e a responsabilidade doméstica, quando não na casa dos pais, na vida de casada que iniciava.

Duas delas saíram da escola após a descoberta da gravidez, alegando os sintomas que estavam sentindo tais como cansaço e sono, e estavam tornando ainda mais difíceis, coisas que já não eram fáceis, dentre elas: manter a concentração e aprender os conteúdos disciplinares. Ou seja, já existia entre elas, a dificuldade em cursar o ensino fundamental e/ou médio. Nesse capítulo vamos acompanhar as falas dessas mães adolescentes, a sua idade, situação escolar e analisar os fatores apresentados por elas que interligam trajetória de formação escolar e gravidez na adolescência.

3.1. “DA PRA MIM NÃO, SAÍ NA 5ª SÉRIE...”

As redes sociais (facebook) nos levaram até Dandara, que tinha na época da pesquisa 17 anos, em agosto de 2016. Esta jovem em idade escolar do ensino médio foi expulsa da escola na semana em que começamos a conversar em 2016. Ao perguntar sobre os motivos da saída da escola, logo no começo dos nossos encontros, ela nos respondeu com um sonoro “Por que!”. Sempre com respostas curtas, procurava deixar claro que não fazia planos para retomar os estudos, a sua pretensão era cuidar exclusivamente do filho e só depois decidir sobre seu futuro. Trabalhar também não era algo que estava em seus planos naquele momento, pretendia organizar a união com o futuro noivo, pai do bebê, e dedicar-se a criação do filho. Assim nos fala a jovem:

Acho que vou demorar a voltar para a escola. Agora eles já me expulsaram mesmo... Eu nem quero (Dandara, 17 anos, escrito via Facebook).

(em conversa com outra jovem) Olha, eu vou cuidar do menino, depois eu vejo, eu nunca fui boa na escola... chato, mas pensa aí... (Dandara, 17 anos, escrito via Facebook).

A fala de Dandara me remete ao que foi discutido no capítulo anterior sobre a perspectiva teórica de Bourdieu. Segundo ela, a escola a excluiu, a escola não se apresenta como uma escolha e possibilidade para ela, é como se o espaço escolar, a partir da forma que é construída, exercesse um papel que excluiu alunos com o perfil dela, seria o que Bourdieu chamou de “Violência Simbólica”, que é quando uma forma de violência é exercida pelo corpo sem coação física, causando danos morais e psicológicos. A escola, assim, reproduz as diferenças sociais e culturais, nesse caso: entre alunas que tem o perfil ou não de acesso/sucesso escolar.

Ela foi uma das primeiras informantes que tivemos contato dentro do campo de pesquisa no segundo semestre de 2016, através de um grupo voltado para mães adolescentes na rede social Facebook. Dandara apresentava forte resistência à gravidez e oscilava entre momentos em que se dizia feliz com a gestação e momentos nos quais listava dificuldades pelas quais iria passar após a chegada do bebê.

Dandara era uma das poucas meninas que morava com o pai, a mãe e o irmão, num núcleo relativamente menor se comparado as outras mães que participaram desta pesquisa. Ela compartilha com a mãe e a avó a situação da gravidez na adolescência, seu pai também era um adolescente quando ela nasceu. Inclusive, é esse fator – dos pais já terem passado pela mesma situação – que faz com que ela veja a gravidez precoce como, apesar de difícil, algo não tão problemático. A mãe de Dandara se dedica aos afazeres de casa e o pai é assalariado. Ela e o irmão não trabalham nem estudam, toda a família mora em um bairro periférico na região sul do Brasil.

Outra jovem mãe que participou da pesquisa foi Tulipa, que tinha 16 anos durante o meu trabalho de campo. De família simples, como as outras meninas, estudava em escola pública, ela deixou a escola no oitavo mês de gestação e pretendia voltar a estudar quando o filho estivesse maior. Para isso se efetivar, espera contar com a ajuda de familiares, depois pretende trabalhar para, segundo ela, ser independente, comprar e fazer o que quiser. Com as palavras da jovem:

Eu fui para escola enquanto deu Mohana, depois eu não estava agüentando ficar sentada, o calor, enfim, parei já no final da gestação. Eu penso em voltar assim que puder deixar o bebê com alguém. (Tulipa, 16 anos, escrito via Facebook).

Não é porque eu engravidei que o mundo acabou, isso já passou já. Eu quero terminar a escola e trabalhar, quem sabe não faço um curso?

Querendo fazer, acho que não é fácil e tal mas eu quero, eu penso assim.
(Tulipa, 16 anos, escrito via Facebook).

A discussão sobre juventude e a definição do conceito vem crescendo e se moldando com uma constante. Sposito et al (2006) propõe pensarmos a importância do conceito de juventude; nos estudos sobre juventude apresentam suas concepções como: juventude como problema, juventude como colaborador para o desenvolvimento social, juventude como transição e tantas mais perspectivas para se olhar o papel ocupado pelo jovem, o que denuncia a riqueza de interpretações e pontos de vista do termo. Contudo, a fala de Tulipa nos revela uma jovem consciente das dificuldades trazidas pela gravidez, mas uma jovem preocupada com o futuro, ela faz parte de uma juventude colaboradora, agente em sua trajetória. Sposito et al (2006) desenvolve uma pesquisa sobre os conceitos de juventude fazendo uma análise histórica das políticas públicas para a juventude no Brasil, nesse estudo o autor aponta que as políticas públicas não surgiram a fim de dar visibilidade ao jovem, mas como uma demanda social, voltados principalmente para atender a jovens pobres.

Meu encontro com Tulipa já foi no final da sua gestação, ela estava na 34ª semana, através do grupo do Facebook: *Grávidas Adolescentes*. Pude conversar com ela no pós-parto, assim, tive a oportunidade de ouvi-la sobre as percepções da gravidez/maternidade antes e após o parto. Nas falas acima, fica claro que, para Tulipa, a gravidez não é o fim dos seus planos, não será esse motivo que vai tirá-la definitivamente da escola.

Ela é uma das poucas que o companheiro exerce alguma atividade de trabalho, evangélicos, tinham planos de oficializar a união perante as leis da igreja que frequentavam e começar a estruturar a vida da nova família. Tulipa demonstrava muito receio com relação ao seu futuro, sempre se dizia preocupada com as responsabilidades da maternidade e em como prover financeiramente a criança. Ela era uma das informantes que mais falava em entrar no mercado de trabalho, movida pelo desejo de proporcionar uma vida confortável ao bebê.

Minha terceira informante foi Zuzu, de 17 anos à época da pesquisa e a conheci ainda na maternidade. Diferente das outras meninas, a conheci pessoalmente, em uma maternidade da cidade de João Pessoa, logo após o nascimento da sua filha. Mantivemos o contato depois através das redes sociais e telefone. Morando no interior da Paraíba veio a

João Pessoa/PB apenas para o parto. Passamos um bom tempo conversando sobre o seu parto fórceps¹¹, sua vida e a relação com o marido.

Zuzu não chegou a terminar o ensino fundamental, estudou até o 8^a ano, falou algumas vezes sobre sua dificuldade de ir à escola; disse que nunca gostou de estudar e abandonou a escola bem antes de engravidar. Trabalhava fazendo sobancelhas e secando cabelos em domicílio. Casada com um homem mais velho, entre os genitores dos bebês que participaram dessa pesquisa, e também o único com ensino superior completo. Como a jovem aborda a sua trajetória escolar:

Nunca gostei de ir para escola, sinceramente. Eu ia a força, mas é porque eu tenho dificuldade mesmo sabe. Parece que estão falando grego, não consigo prestar atenção... sou meia burra (risos) Imagina agora com a menina? Ai é que não vou conseguir mesmo. (Zuzu, 17 anos, transcrição de conversa).

Morria de vergonha de falar na sala, aqueles seminários? Ar Maria, dá pra mim não. Tentei fazer o supletivo e tudo, mas desisti (Zuzu, 17 anos, transcrição de conversa).

Nas falas acima de Zuzu, podemos perceber exemplo do conceito de Bourdieu sobre capital cultural, Zuzu dizia sempre sobre suas limitações de aprendizagem, sobre situações nas quais não conseguia entender o que a professora(o) estava querendo ensinar. Zuzu tentou inclusive, concluir os estudos em modalidades de ensino que ela considerava “mais fácil”, contudo dizia que ainda assim, era difícil acompanhar as aulas. Se pensarmos a partir da perspectiva de Bourdieu, podemos perceber o caráter de reprodução social e cultural de diferença que a escola, através do seu currículo, acaba construindo, não se adaptando à necessidade de alguns de seus alunos.

Zuzu, assim como Dandara têm histórico de gravidez precoce na família. A avó e a mãe de Zuzu, com quem ela mora até hoje, também foram mães na fase da adolescência. A sua avó interrompeu os estudos durante o ensino fundamental para casar e cuidar da família. Sua mãe chegou a concluir o ensino médio, mas decidiu dedicar-se aos cuidados da casa e não continuou os estudos e foi trabalhar fora de casa. Moram em um grupo de seis pessoas, numa casa de herdeiros e a única renda fixa é a aposentadoria da avó e o auxílio do Bolsa Família que a mãe recebia na época.

¹¹ **Parto Fórceps.** É o parto via vaginal (parto normal) no qual se utiliza um instrumento cirúrgico semelhante a uma colher, que é colocado no canal genital da mulher, ajustando-se nos lados da cabeça do bebê para ajudar o obstetra a retirá-lo do canal de parto em casos de emergência ou sofrimento fetal. Fonte: <https://www.guiadobebe.com.br/parto-forceps/> Acesso em 25 de fevereiro de 2019.

A quarta informante foi Tarsila que na época da pesquisa tinha 17 anos, não estudava, abandonou a escola por complicações na primeira gestação. Voltou a estudar e, novamente, por causa da segunda gestação, abandonou o espaço escolar, assim, não chegou a concluir o ensino médio ainda, como revela em sua trajetória:

Saí da escola com 14 anos, na primeira gravidez por causa das complicações, aí perdi. Passei um tempo longe, engravidei, sai novamente e assim eu estou: vai e volta (Tarsila, 17 anos, transcrição de conversa).

Não estou pensando em estudar ou escola. Eu quero que meu bebê nasça bem e depois eu vejo. Também não sei quem ficaria com ele, nem pode deixar logo não? Quem sabe próximo ano. (Tarsila, 17 anos, transcrição de conversa).

Eu gostava de ir para escolar. Tinha muitas amigas que eu não vejo hoje em dia. Só saí mesmo porque não podia arriscar, gravidez de risco é assim. (Tarsila, 17 anos, transcrição de conversa).

Tarsila foi a primeira a aceitar participar da pesquisa. Foi muito solícita e até colaborou na busca por mães adolescentes que também quisessem participar. Conheci Tarsila quando ela estava na 20ª semana de gravidez, sua terceira gestação, dentro do grupo: *Grávidas Adolescentes*. A primeira gravidez foi aos 14 anos, mas perdeu o bebê próximo a 20ª semana, aos 16 anos. Descobriu a segunda gestação, e mais uma vez perdeu e diante do segundo aborto espontâneo descobriu que tinha IIC¹² – Incompetência ou Insuficiência Istmo-Cervical. Após as perdas, Tarsila passou a tentar engravidar, não voltou mais a escola e, segundo ela, encontrou nos grupos virtuais de mães tentantes o apoio psicológico que dizia precisar. Segundo ela, outras adolescentes faziam parte desses grupos com o desejo de tornarem-se mães.

Após as dificuldades para conseguir levar a gestação até para o final, Tarsila não fazia outros planos, se não, dedicar-se a criação do filho que tanto desejou, as expectativas que tinha/têm estavam voltadas a essa maternidade. Tarsila desejava ter sua casa, queria tornar-se dona do seu lar como as outras mulheres de sua família e durante toda sua trajetória foram esses exemplos que a cercaram. Bourdieu (1983) define o conceito de trajetória social como sendo itinerários percorridos pelos indivíduos a partir de experiências de vida e de acordo com sua origem social, assim, a trajetória de Tarsila vêm se moldando espelhada nas experiências e situações sociais das mulheres com quem ela convive e toma como exemplo.

¹² Incompetência ou Insuficiência Istmo Cervical é um defeito do canal cervical que perde, ou não tem congenitamente, a capacidade de suportar o peso da gravidez sem se dilatar (CAVALCANTE, 2018).

Jasmim tem 17 anos, saiu da escola antes de engravidar pela primeira vez. Ela estava cursando o sexto ano quando desistiu, disse que não gostava da escola, encontrava problemas com os outros alunos e não tinha cabeça para estudar. Na época da pesquisa ela não pretendia retornar para terminar o ensino fundamental e quando questionada sobre perspectivas de futuro e trabalho, ela afirma não ter interesse, não pretendia trabalhar, deseja apenas cuidar do filho quando nascesse e afirma que a renda do companheiro seria suficiente para eles conseguirem sustentar a família. Sobre sua trajetória escolar revela:

(risos) eu num gostava não, os professores chatos, eu perdia muita aula, o povo da minha sala era um povo chato, reprovei... aí eu parei de ir (Jasmim, 17 anos, transcrição de conversa).

Mas também eu fico com meus irmãos pequenos, mainha arruma uns bicos e eu fico com eles, vou para a casa de vó também, nisso eu ocupo o tempo. (Jasmim, 17 anos, transcrição de conversa).

Segundo a teoria bourdieusiana (1983;1989; 2009) as experiências dos sujeitos são construídas através de vários preceitos, elas se formam a partir de uma estrutura social, logo, os percursos de vida são resultantes de interações produzidas segundo um movimento dialético. Assim, a forma como essas meninas se relacionam com a escola e com a aprendizagem não está relacionada apenas a eventos recentes, como a gestação precoce, mas a toda a sua trajetória social.

Jasmim mora numa cidade no interior da Paraíba, num bairro periférico onde divide uma casa simples, com piso de cimento, com sua mãe, seus quatro irmãos mais novos, seu filho primogênito e seu namorado, pai do bebê que esperava. O namorado ficava entre a casa dos seus pais e a casa de Jasmim. Ela e sua mãe não possuem trabalhos fixos, a única renda vem dos programas sociais do governo.

Considerando as ideias de Bourdieu sobre o conceito de *Habitus*, pode-se afirmar que os percursos sociais – e no nosso caso, trajetória escolar – construídos pelos sujeitos obedecem/moldam-se a partir da ordem social vigente no meio em que estão inseridos, para confirmá-la ou negá-la, contudo nunca sendo imunes a ela, assim, os indivíduos reproduzem suas condições sociais.

Assim como Dandara e Zuzu, Jasmim vive uma realidade já conhecida por sua mãe, que engravidou do primeiro filho ainda na adolescência. Durante a pesquisa de campo (CAVALCANTE, 2018), tomei conhecimento de que a mãe de Jasmim estava grávida novamente, assim, ela dividiria com a filha o processo de gestar e teriam filhos

com idades próximas. O pai do bebê que a mãe de Jasmim esperava, era um adolescente de 14 anos, mais jovem do que Jasmim.

Jasmim me apresentou Rosa, minha sexta informante, ambas moravam na mesma cidade do interior, eram vizinhas. Ao final da pesquisa Rosa tinha 17 anos, era a única que falava abertamente sobre os problemas trazidos pela gravidez e sobre o fato de não desejá-la. Ela pontuava problemas que já estavam surgindo devido à gravidez na adolescência, como discussões e brigas com a família, a cobrança social que estava sentindo, a alta demanda de cuidados médicos e, o mais importante para ela, a perda da liberdade. Vejamos as falas desta jovem:

Da pra mim não, sai na 5º série... eu ia só para bagunçar mesmo. Eu quero é sair da cidade, arranjar um trabalho, dinheiro. (Rosa, 17 anos, transcrição de conversa).

Eu ficava fora de sala, não aprendia nada mesmo. Eu ficava lá no pátio conversando com as merendeiras. (Rosa, 17 anos, transcrição de conversa).

Rosa parou de ir à escola depois de alguns períodos sem frequentar assiduamente, dizia que não tinha vontade de ir, faltava muito, até que abandonou de vez. Ela não chegou a concluir o ensino fundamental, abandonou a escola meses antes de engravidar. Esta jovem foi criada e morava com os avós. Dividia o espaço doméstico com tios e primos, uma família grande. Segundo ela, a família a pressionava por sua frequência à escola, mas, ela dizia que saía de casa para ir de casa à escola, porém, desviava o caminho. Afirmava que após o nascimento do filho o retorno escolar seria ainda mais improvável, pois, teria que cuidar da criança.

Os dados colhidos sobre a relação dessas mães com a escola refletem os índices coletados por pesquisas nacionais. A desigualdade educacional contribui para a evasão. Embora o abandono escolar por parte da maioria das meninas aqui assistidas não tenha sido resultante apenas da gravidez, muitas disseram que a maternidade iria dificultar o retorno a sala de aula. As mães adolescentes apontaram dificuldades em entender o conteúdo e participar das aulas, apontaram dificuldades de aprendizagem.

Contudo, apesar das dificuldades e de estarem fora da escola, elas demonstram reconhecer a importância da formação educacional para o ingresso no mercado de trabalho. Um exemplo desse reconhecimento são as que mostram interesse em fazer cursos profissionalizantes, como no caso de Zuzu com seus 17 anos.

Zuzu, por exemplo, sabia que estudar era algo importante para seu futuro e para a formação profissional, mas achava que a escola não era lugar para ela, pois se considerava incapacitada de aprender o conteúdo ensinado, dizia não ter tempo e nem a facilidade necessária para compreender o conteúdo disciplinar. Temos o exemplo de Rosa que, apesar do incentivo da família, não via a escola como um lugar convidativo, dizia que não aprendia nada, então ir a escola era perder tempo.

Observar esses pontos me fez pensar na concepção curricular da educação brasileira, sobre a necessidade de se refletir sobre a forma de como as instituições escolares atendem seus alunos. Para Moreira e Silva (1994, p. 7) “o currículo é considerado um artefato social e cultural”, segundo os autores:

“o currículo está implicado de relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal” (MOREIRA e SILVA, 1994, p. 8)

Podemos desenvolver essa ideia a partir da perspectiva de Paulo Freire (1970), o qual pensava uma educação conciliadora, uma educação que mediasse os saberes acadêmicos aos saberes do aluno. O autor já percebia que a forma como era feita a construção pedagógica das instituições escolares, acabava por tornar o espaço não convidativo para alguns grupos sociais.

Freire (1970) propunha fazer uma educação problematizadora, ele promovia a ideia de reformular a concepção de ensino e aprendizagem. A proposta desenvolvida por Freire (1970) defendia o diálogo entre aluno e professor, e esse diálogo seria a força motriz da aprendizagem, portanto, ouvindo as demandas do aluno e considerando a realidade dele na construção da proposta pedagógica.

3.2 “MINHA MÃE JÁ FALOU QUE EU NÃO POSSO DEIXAR DE ESTUDAR”

Coube a esta pesquisa investigar também as relações familiares dessas mães adolescentes, posto que, pode partir deles o incentivo (ou não) a permanência no espaço escolar. As mudanças geracionais na contemporaneidade corroboraram para a formação de núcleos familiares que tendem a incentivar a formação escolar dos filhos. Contudo, esta não é uma tendência homogênea, assim, faz-se necessário entender a participação do núcleo familiar dessas adolescentes na tomada de decisão sobre a vivência escolar.

As discussões sobre geração ganham mais visibilidade no século XXI, as mudanças que surgiram a partir do desenvolvimento tecnológico, o prolongamento da expectativa de vida corroboraram para a necessidade de fazer uma análise das trajetórias sociais das gerações. As famílias mudaram, precisamos atentar para o fato de que as gerações vivem um contínuo processo de construção e desconstrução, proporcionando que várias gerações vivam simultaneamente em contato. Essas transformações reproduzem uma tendência defendida pelas teorias sócio-antropológicas que indicam que as predisposições sociais mudam conforme a sociedade e os processos históricos.

O papel da família é fundamental na vida dos indivíduos, segundo Sarti (2004) a família é nosso primeiro espaço de socialização, através dela, nós começamos a ver o mundo, a dar significado às coisas. Para Sartir (2004, p. 13) a família é:

[...] uma história que se conta aos indivíduos desde que nascem, ao longo do tempo, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será, por eles, reproduzida e re-significada, à sua maneira, dados os distintos lugares e momentos dos indivíduos na família. Vista como uma realidade que se constitui pela linguagem, socialmente elaborada e internalizada pelos indivíduos, a família torna-se um campo privilegiado para se pensar a relação entre o individual e o coletivo, portanto, entre mim e o outro. (SARTI, 2004, p.13)

Conversamos com elas sobre a escolaridade da família, segundo as mães adolescentes que fizeram parte dessa pesquisa, nenhum integrante da família “nuclear” da mesma tem o ensino superior completo, entre os genitores, um possui ensino superior de nível técnico, apenas três mães – das mães adolescentes – terminaram o ensino médio. Contudo, elas declararam que foram incentivadas a dar continuidade à vida escolar.

Meu avô ficou com raiva quando eu saí da escola. Ele passou até uns dias sem falar comigo, aí quando eu disse da gravidez, ele foi logo dizendo que agora é que eu não ia querer voltar a estudar mesmo. (Rosa, 17 anos, transcrição de conversa).

Minha mãe já falou que eu não posso deixar de estudar não, ela falou que vai olhar meu bebê para eu terminar. Se eu não terminar nem o ensino médio, vou trabalhar em que? (Tulipa, 16 anos, escrito via Facebook).

Em nossas conversas apareciam depoimentos sobre a frustração da família ao saber da gravidez, principalmente porque a gravidez poderia atrapalhar a vida escolar e por consequência o futuro da jovem mãe. Apareciam também declarações de incentivo à continuidade da trajetória escolar como um meio de melhoria de vida e de ascensão no mercado de trabalho

Sobre a escolha de cursar ou não o ensino superior, por exemplo, Nogueira (2012) vai dizer que trata-se de um problema teórico amplo, o qual podemos chamar de “problema da orientação social da ação individual”. Segundo o autor,

Por um lado, tem-se o indivíduo que escolhe a partir de seus gostos e preferências, de suas expectativas e projetos de vida, e de um conjunto mais ou menos claro de informações ou representações sobre o sistema universitário, os diversos cursos e o mercado de trabalho. Por outro lado, sabe-se que a escolha desse indivíduo está condicionada por sua trajetória passada e por sua posição atual nas estruturas sociais. Como visto, as pesquisas mostram que a opção por um determinado curso está relacionada ao perfil socioeconômico, à trajetória escolar, ao gênero, à idade e, em certos casos, à etnia dos candidatos. (NOGUEIRA. n.p, 2012)

Para Bourdieu (2002, p. 52) “o conjunto de características da carreira escolar, as seções ou os estabelecimentos, são indícios da influência direta do meio familiar...” assim, os sujeitos não são constituídos individualmente, mas são frutos de referências. Tornar quem somos é resultado da trajetória social e da formação que tivemos. A forma como essas meninas lidam com a gravidez na adolescência, pode estar relacionada às experiências que tiveram ao longo da vida com a maternidade e concepção. Muitas já tinham tido a experiência de cuidar de crianças pequenas e conviveram com outras mães adolescentes em seu convívio social, como vemos a seguir:

Cuidei dos meus irmãos, já tenho um filho, já estou acostumada com criança, cresci tomando conta de menino (Jasmim, 17 anos, transcrição de conversa).

Bourdieu (1983) também se desdobra para estabelecer as relações entre as estruturas objetivas do mundo e as subjetividades humanas, sem, entretanto, recusar os efeitos que essas categorias têm sobre a ação dos indivíduos. Utilizando-se de conceitos como “campo” e “*habitus*”, como parte do seu método para fazer as classificações estruturais dos agentes nos campos sociais. Com Bourdieu (1996), podemos pensar que esses sujeitos jovens no percurso de suas histórias vão atribuindo sentido e objetivando seus *habitus* adquiridos durante o processo de socialização familiar compreendido como: “princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas”. (BOURDIEU, 1996, p.22).

É possível que para muitas adolescentes mães abandonar a escola e assumir tarefas de casa tenha sido características marcantes na adolescência. Desse modo, a gravidez na adolescência resultar em abandono escolar acaba sendo algo naturalizado por elas, algo

que não é um fator novo, que já está presente no seu meio, seja na família, seja no ciclo de amizade. Desta forma, elas não percebem de forma clara como essa gestação pode atrapalhar sua formação intelectual e profissional.

Foi no seio familiar que essas meninas aprenderam a se relacionar com a gravidez nessa fase da vida. A família apresentou-se como rede de apoio para aquelas que desejam retomar a vida escolar, vem da família também o estímulo que elas recebem para não abandonar de vez a escola. Para Durkheim (1978, p.41) a geração mais velha é responsável pela educação dos mais novos, segundo o autor, é dever do Estado se responsabilizar pela educação das crianças

Contudo, fica clara a necessidade de se pensar uma escola mais acolhedora, porque essa investigação concluiu que existe um desejo dessas adolescentes em retomar a trajetória escolar. Porém, talvez o que não exista de forma tão eficaz, são os estímulos por parte da instituição escolar para que esse retorno delas aconteça.

Para essas mães, a escola é vista como meio pelo qual se pode alcançar algo, como passar no vestibular e, a partir daí, começar a trabalhar. Porém, essas mães pensam também, que a escola como meio promissor, fica reservada para adolescentes que não tem filhos, que não tem responsabilidades domésticas, por que no caso delas a demanda de cuidar, educar, sustentar um filho, não condiz com a rotina de um estudante, não condiz com um futuro educacional promissor.

3.3 “QUEM SABE EU TRABALHANDO- CONSEGUE ESTUDAR- COM ELE MAIOR EU CONSIGO”

As seis meninas que acompanhei estão fora de qualquer espaço escolar. Quatro delas saíram da instituição sem concluir o ensino fundamental, duas chegaram ao ensino médio e ambas abandonaram a sala de aula antes de concluí-lo. Até o fim do trabalho de campo, nenhuma relatou ter retomado a trajetória escolar ou ingressado em algum curso de formação profissionalizante.

Após nossas conversas, acredito que essa saída precoce da escola advinha de fatores sociais e familiares. As meninas que participaram desse estudo são pobres, vindas de famílias muito humildes, com uma história de vida sacrificada, sem acesso a bens culturais ou de consumo e sem parentes ou familiares que tenham chegado a cursar um ensino superior. A escola nem sempre se apresenta como opção para elas ou alternativa concreta de melhorias na qualidade de vida, a própria estrutura familiar e financeira não

corrobora para que elas permaneçam na escola.

Na obra *Distinção*, Bourdieu (2007) fala sobre o privilégio que alguns indivíduos têm de serem apresentados a experiências educacionais e culturais antes da entrada no espaço escolar. Esses indivíduos adquirem esses conhecimentos no espaço escolar, ainda jovens, o que acaba contribuindo positivamente quando o mesmo ingressa na escola.

Para Paulo Freire (1970), a sala de aula deveria ser um espaço acolhedor e de mudança. Para o autor, o conteúdo educacional deveria ser escolhido no intuito de ser um elemento transformador na vida dos alunos, contribuindo para a formação da visão de mundo dos educandos. Paulo Freire no livro *Educação e Mudança* (1979) defende que a alfabetização é, sobretudo, um aliado na conscientização do aluno enquanto sujeito. Segundo o autor, é através da alfabetização para a consciência crítica que o sujeito começa a se ver como parte da sociedade na qual vive. Segundo Freire (1979) o sujeito deve olhar o mundo não como mero expectador, mas, sim, como um sujeito ativo que pode alterar sua realidade, deixando, assim, a posição de acomodado e tornando-se cidadão. O pensamento pedagógico do referido autor é voltado para uma educação humanizadora e libertadora. Educar, segundo Paulo Freire (1970), é construir gente, pois, para ele, a educação é o caminho para a mudança.

Quando as questionava sobre as expectativas para o futuro, quais eram os planos de vida, as meninas nem sempre incluíam nesse planejamento a retomada da vida escolar.

Estou pensando agora nas coisas para o meu filho, o nome, essas coisas. Eu e meu namorado vamos nos organizar para casar, talvez agora ele passe um tempo morando aqui e depois procuramos um lugar nosso. (Dandara, 17 anos, escrito via Facebook).

Vou ficar em casa uns meses, porque nessa fase eu tenho que cuidar mesmo, mas acho que próximo ano consigo voltar para escola. Com ele maiorzinho deixo ele com a minha mãe e vou para a escola. Estou pensando em vender umas coisas, em casa e na igreja... já seria uma ajuda (Tulipa, 16 anos, escrito via Facebook).

Não tenho tempo, é cuidar dela, da casa, as clientes que chegar por aqui, aí sair para fazer um curso agora é difícil... mas eu estava pensando em fazer um curso de unhas em gel, mas é muito caro, os produtos são caros e aqui ninguém quer pagar o valor do serviço... Tem de cabelo também, vou ver se faço algum, porque eu queria. (Zuzu, 17 anos, transcrição de conversa).

Queria fazer psicologia, acho bom, quem pode fazer um cursinho ou uma faculdade tem sorte. Eu não tenho como pagar então fica só no sonho, quem sabe. Quem sabe eu trabalhando, ele maior eu consigo (Tarsila, 17 anos, transcrição de conversa).

Quero trabalhar agora não, são dois para tomar conta, vou fazer isso. Sabe o que eu queria mesmo Mohana? Era sair daqui, ir para outra cidade, aqui não tem nada (Jasmim, 17 anos, transcrição de conversa).

As mães adolescentes colocam a criação dos filhos em primeiro, a responsabilidade com as crianças antevém os planos para suas vidas, enquanto ser individual. Mesmo aquelas que pretendem retomar a vida escolar, como é o caso de Tulipa, não se imaginam frequentando a escola e levando a vida escolar em paralelo à criação de crianças pequenas. Ou seja, elas acham que não conseguem conciliar e, ao mesmo tempo, questionam se a escola estará disposta a recebê-las com seus bebês.

Quando conversado sobre as expectativas de trabalho as mães adolescentes transpareciam não ter muitos planos, não tinham uma expectativa muito elevada com relação ao mercado de trabalho. Boa parte delas pensavam em fazer cursos profissionalizantes e trabalhar por conta própria. Existia ainda o caso de Zuzu que trabalhava como manicure e pedicure e nutria o desejo de fazer cursos de cabeleireira.

Diante disso e considerando os depoimentos dessas mães, penso que a instituição escolar ainda não se apresenta como um espaço acolhedor para todos os perfis e classes sociais, concluo que a escola ainda é um ambiente que reproduz e potencializa as diferenças. Segundo o que elas dizem, a instituição escolar pode ser entendida como um espaço que reproduz as diferenças sociais- pode até potencializa-las, posto que termina reproduzindo padrões culturais impostos a sociedade. Segundo os mencionados autores, a escola precisa mudar essa tendência, deixar de lado essa construção histórica de um lugar que acentua a discriminação e a desigualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação de mães adolescentes é tema de muitos trabalhos e pesquisas em diversos campos das ciências humanas. As situações dessas mães frente ao processo de formação educacional têm, ao longo de muitos anos, despertado o interesse e aguçado pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Não é raro encontrar trabalhos na área de educação, saúde e ciências sociais que se proponham a discutir o tema. Contudo, nenhuma investigação com pessoas, em contextos e grupos sociais diferentes chegam ao mesmo resultado. E acredito que esta tenha sido uma das minhas maiores observações ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Para pensarmos numa relação positiva entre Instituição Escolar e as Mães adolescentes, esses dois elementos não podem ser vistos de forma isolada, individualizada. A trajetória que estas meninas percorreram até tornarem-se mães e as suas realidades socioeconômica deveriam ser diretrizes para a criação de uma metodologia pedagógica voltada para esse público- e se já houver, se está seja ampliada para todos os sistemas de ensino. Cabe ressaltar que minhas observações sobre a instituição escolar e mães adolescentes, foram feitas a partir dos depoimentos delas sobre a escola.

A partir do conceito de *Habitus* em Bourdieu (2007, 2009) podemos relativizar a questão de mães adolescentes que não conseguem dar continuidade e entender que, nem sempre, a gravidez em si, é responsável por essa decisão da jovem. Outros fatores, como por exemplo, as desigualdades de acesso aos meios de informação, necessidade financeira e o ambiente social que vivem podem influenciar nessa escolha. Tais fatores podem influenciar a jovem de que a escola não é fácil ou ainda que a educação não é tão importante quanto entrar logo no mercado de trabalho.

Para Lahire (2002), os atores sociais não sofrem influência apenas das instituições, não são formados exclusivamente por elas. Em uma sociedade contemporânea, os indivíduos se relacionam entre si, vivenciam experiências diversas e portanto são resultados de diversos processos de socialização que interferem em seus comportamentos e preferências.

A instituição escolar que conhecemos hoje, talvez não venha sendo transformada na mesma velocidade na qual o mundo contemporâneo se molda, pode ser que ela caminhe a passos lentos em direção a um currículo e desenho institucional igualitário. A escola foi/é pensada de forma hegemônica, criada para atender um determinado público, forma

professores que esperam receber um corpo discente padronizado, até a sua estrutura física parece ignorar a diversidade do alunado.

Conheci mães que até demonstram interesse em retomar os estudos, meninas que reconhecem o ambiente escolar como um lugar de mudança e porta para entrada no mercado de trabalho. Contudo, conheci meninas que, cientes das dificuldades financeiras, sociais e intelectuais, não acreditam que possam “ter um futuro” através da educação formal, não acreditam nessa mudança efetiva através da formação.

Concluo chamando a atenção para a importância de analisar um grupo/fato a partir do seu contexto, da estrutura que alicerça o caso/história. Posto que, ao pesquisar com essas mães adolescentes pude entender que não é apenas a gravidez que corrobora para o afastamento da vida escolar, mas também a trajetória dela. Não podemos focar no fator idade e ignorar a conjuntura social por trás da tendência latente de mães adolescentes pobres evadirem da escola, quando o fenômeno não acontece em igual proporção entre as mães adolescentes em situação econômica mais favorável.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição Chagas de. **Gravidez na adolescência e escolaridade: um estudo em três capitais brasileiras**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Saúde Coletiva, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: Ortiz, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. Coleção Grandes Pensadores Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP. Papirus, 1996.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Tradução Magali de Castro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 71-80.

_____. **Escritos de educação**. 4 ed. Petrópolis., RJ: Vozes, 2002. (Org. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio)

_____. **O poder simbólico: Sobre o poder simbólico, A gênese dos conceitos de habitus e de campo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **A economia das trocas simbólicas: Condição de classe e posição de classe; Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento: O espaço social e suas transformações; O habitus e o espaço dos estilos de vida; A dinâmica dos campos**. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **O senso prático: Estruturas, habitus, práticas**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi.; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latinoamericana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000.

CAVALCANTE, Mohana Ellen Brito Moraes. **Mãe – bebê – avó: Dilemas geracionais da maternidade na adolescência**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba, 2018.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Trad. Lia Gabriele R. Reis. Rev. Maria Letícia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011, 2ª ed.

COSTA, Vanessa Luisa Marcone Alves da. Trajetória social de formação dos jovens da Escola Estadual José Lins do Rêgo na cidade de João Pessoa. In: **Trajetória social dos jovens do ensino médio público**. Pesquisa PIBIC/ CNPq vigência 2013/2014.

DADOORIAN, Diana. **Gravidez na adolescência: um novo olhar**. rev. Psicologia: Ciência e Profissão. vol.23 no.1 Brasília Mar. 2003.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932003000100012

Acesso em 26 de março de 2019.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04> Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

DOUTOR, Catarina. **Um olhar Sociológico sobre os conceitos de Juventude e de práticas culturais**: perspectivas e reflexões. Última Década [em linea] 2016, (Diciembre-Sin mês). Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19549492009> Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. **Educação e Mudança**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GARCIA, Sandra M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, Margareth. RIDENTI, Sandra GV. MEDRADO, Benedito. organizadores. **Homens e masculinidades**: outras palavras. 2. ed. São Paulo: ECOS; 2001.

GODINHO Roselí Aparecida, SCHELP, Joselaine Rosália Batista. PARADA, Cristina Maria Garcia de Lima. BERTONCELLO, Neide Mariana Feijó. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. 2000; 8(2): 25-32.

GONÇALVES, Hellen. KNOUTH, Daniela R. Aproveitar a vida, juventude e gravidez. **Revista Antropológica**. vol.49 no.2 São Paulo July/Dec. 2006

HEILBORN, Maria Luiza. O traçado da vida: Gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: **Quem Mandou Nascer Mulher?** Estudos sobre Crianças e Adolescentes no Brasil (F. Madeira, org.), pp. 291-342, Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

_____. “Gravidez na Adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social” In VIEIRA, Elisabeth M., FERNANDES, Maria Eugenia L., BAILEY, Patrícia e McKAY, Arlene. (orgs.). **Seminário Gravidez na Adolescência, Saúde do Adolescente** - Ministério da Saúde, Projeto de Estudos da Mulher/Family Health International, Associação Saúde da Família. Rio de Janeiro, p. 23-32, 1998.

_____. et al. Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 13-44, jun. 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-71832002000100002&script=sci_arttext Acesso em 27 de julho de 2017.

HEILBORN, Maria Luiza, & Cabral, Cristiane S. **Parentalidade juvenil**: transição condensada para a vida adulta. Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?. IPEA. Rio de Janeiro, p. 225-255, 2006.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002 (traduzido de L'Homme pluriel. Les resorts de l'action, Paris, Nathan, Collection Essais & Recherches, 1998).

_____. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais.** São Paulo: Artmed, 2004 (traduzido de Portraits sociologiques: dispositions et variations individuelles. Paris, Nathan, Collection Essais & Recherches, 2002).

_____. **Trajetória acadêmica e pensamento sociológico.** Entrevista com Bernard Lahire. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, maio/ago. 2004.

_____. **A cultura dos indivíduos.** São Paulo: Artmed, 2004 (traduzido de La Culture des individus. Dissonances culturelles et distinction de soi, Paris, Éditions la Découverte, 2004).

_____. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, nº 49, dez. 2005.

_____. A propósito do Homem plural. Entrevista com Bernard Lahire. **Revista Cronos**, vol. 10, nº 2, 2009.

LOPES, G.; MAIA, M. Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda. **Rev.Sexol.**, v. 2, n. 1, p. 30-33, jan./julho 1993.

MANNHEIM, Karl. "El problema de las generaciones", **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n. 62, pp. 145-168, 1993.

MEAD. Margareth. **Adolescência, sexo e cultura em Samoa.** 1928. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, Cultura e Sociedade.** São Paulo: Cortez, 1994. Disponível em: http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/178644/mod_resource/content/1/13.%20Currículo%2C%20Cultura%20e%20Sociedade.pdf Acesso em 19 de abril de 2019.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. Escolha Racional ou Disposições Incorporadas: diferentes referenciais teóricos na análise sociológica do processo de escolha dos estudos superiores. **Revista do programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE**. V.2, n.18. Pernambuco, 2012.

RICHARDSON, Roberto Sarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1985-1999.

ROCHA, Cinthya Aparecida da. **Gravidez na adolescência e evasão escolar.** 2009. 101 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/120798> acesso em 14 de março de 2019.

SANTOS, Inês Maria Meneses. SILVA, Leila Rangel. Estou grávida, sou adolescente, e agora- Relato de experiência na consulta de enfermagem. **Revista Projeto Acolher: Um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro.** Brasília. 176 a 182p, 2000.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. Posfácio: conceituando gênero; Violência de gênero no Brasil contemporâneo, in H. Saffioti. & M. Munhoz-Vargas (Orgs.), **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; Brasília, UNICEF, 1994.

SPOSITO, Marília Pontes. (org.) Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. **Juventude e escolarização – estado do conhecimento**, São Paulo, Ação Educativa, 2000.

_____. et al. Juventude e Poder Local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

TAQUETTE, Stella Regina. Sexualidade na Adolescência. In: **A saúde de adolescentes e jovens: competências e habilidades**. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_adolescente_competencias_habilidades.pdf Acesso em: 20 de setembro de 2017.